

Revolução

CONTRA O AVANÇO DA DIREITA MILITAR



UNIDADE E ORGANIZAÇÃO



DOS SOLDADOS E DAS MASSAS TRABALHADORAS

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO

**Porta-Voz do PARTIDO
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO**



Revolução

PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES

O INIMIGO DISFARÇADO

Camaradas,
Nos tempos que vão correndo, em que as forças do capital se organizam a toda a pressa para reforçarem o seu poder abalado desde o 25 de Abril, há movimentos e organizações que se pintam de vermelho e usam a foice e o martelo — neste caso o MRPP — que cola cartazes na luta pelas 40 horas semanais.

Que diabol isto é uma autêntica contra-revolução descarada. Até os operários mais obtusos vão compreender que o MRPP está sempre a desviar os trabalhadores (aqueles que consegue influenciar) das finalidades revolucionárias para os entreter com passatempos sindicais.

Há montes de razões para compreender porque uma or-

ganização que grita a quem a quer houver o seu anti-revisionismo (nas palavras), para ultrapassar o reformismo e cair no campo do sindicalismo mais puro.

Poderemos ainda aventar que serão altos designios nascidos no cérebro do «grande educador» e das necessidades estratégicas do Aventino Teixeira.

Lí há pouco tempo um livro da autoria de um dos homens importantes do MRPP, Saldanha Sanches, intitulado «MRPP. Instrumento da Contra-Revolução», que parece lançar alguma luz sobre estas considerações. Em princípio poderia admitir que o livro seria o resultado de uma «birra» do Saldanha Sanches com os seus

ex-camaradas. No entanto, os factos falam por si e as atitudes perante situações concretas são uma autêntica denúncia do que tem sido a actividade do MRPP.

Será de concluir — isso não foi dito claramente no livro — que a existência do MRPP se insere dentro de um plano à escala mundial do mundo capitalista, através das suas organizações (CIA, NATO, etc.) que utilizando determinados princípios Marxistas-Leninistas-Maoístas e dando-lhes um tratamento teórico conveniente, procuram transformar a ideologia das classes trabalhadoras como «travão» à revolução e à consequente emancipação da própria classe. Parece-me ainda que a subtiliza-

NOTA DA REDACÇÃO

Em virtude da grande afluência de material para a secção «Colaboração dos leitores», publicamos hoje, excepcionalmente, nas pag. 12 e 13 vários artigos que não foram elaborados pela redacção do «Revolução».

nas acções e tomadas de posição perante os acontecimentos em qualquer país, neste caso o nosso, exige grande capacidade de adaptação dos responsáveis à frente destas organizações — que poderemos considerar como autêntica 5ª coluna do capitalismo internacional.

Estes factos parecem condizer com a enorme importância que os técnicos da burguesia dedicam ao estudo do Marxismo, procurando encontrar nas doutrinas operárias uma porta de saída para a derrocada do sistema capitalista. Não há

dúvida de uma coisa: os trabalhadores têm duas armas principais apontadas no seu caminho para a emancipação: a burguesia e os seus partidos de classe, infiltrando os conceitos burgueses entre o próprio operariado, e o inimigo disfarçado que a coberto da linguagem operária procura arrastar as massas nos momentos cruciais da luta de classes para o campo da abstenção — o que quer dizer da contra-revolução.

Cordiais saudações revolucionárias,
um leitor:

A REPRESSÃO FAMILIAR

CAMARADAS:

Dirijo-me ao jornal Revolução como um leitor que vê neste o jornal que mais se tem esforçado por elucidar os trabalhadores e os intelectuais revolucionários.

A repressão familiar é um dos maiores entraves que os jovens têm que ultrapassar.

Este tipo de repressão impede os jovens de se colocarem ao lado das massas proletárias, porque muitas vezes os pais impedem-nos de irem manifestações, comícios ou de militarmos num partido (principalmente de esquerda).

Os argumentos utilizados são geralmente: tu ainda és muito novo; ainda não sabes o que queres; a política é para os políticos.

Existem assim duas alternativas ou nos submetemos ou

então lutamos. A segunda hipótese parece-me a mais correcta porque a autonomia familiar é uma das mais importantes liberdades a alcançar.

Para isso temos que tomar posições verdadeiramente frontais em relação às medidas repressivas (que em nome da boa educação) nos são impostas.

Esta posição levar-nos-á a uma verdadeira e real emancipação familiar, enquanto que a maneira ilusória de nos opômos é quando queremos ir a algum lado, pegar uma pita aos «papás» para que eles pensando que vamos ao cinema nos deixem ir a uma manif.

Assim nós pensamos alcançar uma autonomia quando não passa duma pseudo-autonomia da qual só nos livraremos aos 18 ou 21 anos (idades

de emancipação pela lei).

Eu próprio cai e continuo a cair várias vezes neste erro por temer enfrentar as decisões repressivas não conseguindo assim dar mais um passo na emancipação familiar.

Isto é um modo de eu desabafar e também de tentar fazer a juventude compreender o papel importante que tem a autonomia familiar.

Gostava também de apelar a todos os revolucionários que sigam o exemplo do camarada João e como dizem os camaradas chilenos em relação a Miguel Henriquez «o povo pegará no teu fuzil e no teu exemplo».

PELA EMANCIPAÇÃO FAMILIAR
CONTRA OS CONCEITOS DA BURGUESIA

PEDRO R.

Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME

MORADA

LOCALIDADE

PROFISSÃO

ASSINATURA: Semestral — 90\$00
— 180\$00

Estrangeiro

ASSINATURA: Semanal — 300\$00
Anual — 600\$00

PAGAMENTO: Em cheque
Em vale

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO SEDES

SEDE CENTRAL — Rua Castilha n.º 70, Lisboa
Tel. 573520/573640/573717/573670

JORNAL «REVOLUÇÃO» — Rua Castilha n.º 70, Lisboa
Tel. 573520/573640/573717/573670

ORG. REGIONAL DO NORTE

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110 Tel. 315759/315796

VIANA DO CASTELO — Rua de Altamira, 102 Tel. 24320

ORG. REGIONAL DO CENTRO

COIMBRA — Rua Eça de Queiroz, nº 33

MARINHA GRANDE — Rua Marques de Pombal, nº 65

ARGEZ — Tel. 92169

COVILHÃ — Rua Visconde da Conscieção, n.º 60 — Tel. 25542

CASTELO BRANCO — Alameda da Liberdade, n.º 116

S. JOÃO DA MADEIRA — Rua Jaime Afreixo, n.º 142

ORG. REGIONAL DE LISBOA

LISBOA — Av. da República, n.º 40

ALGES — Rua Victor Duarte Pedroso, n.º 15 — Alges de Cima Tel. 2100337

PAREDE — Rua Gomes Freire de Andrade, 1 tel. 2474142

SACAVÉM — Largo 5 de Outubro, n.º 16-17 Tel. 2512807

AMADORA — Rua Gonçalves Ramos, n.º 40 Tel. 939525

ORG. REGIONAL DA MARGEM SUL

SETUBAL — Rua Jorge de Sousa (Colégio Frei Agostinho da Cruz)

BARREIRO — Rua dr. Eusébio Leão, n.º 31 Tel. 2076745

LAVRADIO — Rua dr. José Carcino Lobo, n.º 12

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional, n.º 10 Tel. 2763267/2763397/2763122

QUINTA DA LOMBA — Praça Francisco Xavier

SINES — Rua Marques de Pombal, n.º 86

ORG. REGIONAL DOS ALENTEJOS

EVORA — Largo do Chão das Covas, n.º 21 Tel. 24398

BEJA — Rua Alexandre Herculano, n.º 29 Tel. 24594

ORG. REGIONAL DO ALGARVE

FARO — Rua Dr. Cândido Guerreiro, 35 Tel. 24107

LOULÉ — Av. José da Costa Meaia, n.º 39-1.º Tel. 63043

PORTIMÃO — Rua 5 de Outubro, 17

OLHÃO — Rua 18 de Junho, n.º 64-B-C

FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio

UNIVERSIDADE PROLETÁRIA

LISBOA — Av. 5 de Outubro Tel. 770017

SPÍNOLA NÃO DESISTE

Spínola, exilado no Brasil desde a tentativa falhada do golpe reaccionário do 11 de Março, não desiste de tentar entrar em Portugal, de tentar a implantação do fascismo, tendo essas tentativas sido activadas e multiplicado desde o 25 de Novembro, como é natural.

«Leader» do ELP-MDLP, não lhe bastam os assaltos, os incêndios, as sabotagens que se tem verificado. Tudo isso é a preparação psicológica, em especial do povo do Norte do País, para a sua chegada, chegada do «salvador da Pátria». Spínola sabe bem que para aparecer em Portugal, e para lhe ser assegurado o posto de Presidência da República, terá que ter a confiança do capital monopolista e do imperialismo, para que este não só reconheça o Poder então instituído, como comece a investir tendo assegurada a repressão popular, o corte das liberdades: o **fascismo**. Sendo assim, depois de ter feito uma visita aos Estados Unidos, avistou-se com o responsável da CIA em França, Eugen Burgstaller, e aumenta as relações com o capitalismo nacional e estrangeiro tornando frequentes as suas «andanças» pela Europa fora. (Neste momento está na Suíça). Spínola tem sido também obrigado a mudar de tática ao longo dos meses, conforme a situação em Portugal vai mudando. Exemplo flagrante da sua mudança de tática é o facto de ter afirmado numa entrevista a 29 de Janeiro deste ano, quanto à possibilidade de uma entrada em Portugal pela força, «para mim, e para quantos me acompanham na luta pela libertação do povo português, a situação de caos moral, económico, político e social, a que o nosso país chegou, não se resolve com «golpes» mas sim, com firme determinação, trabalho, ordem, disciplina e sentido de sacrifício». Quando recentemente numa «sessão de esclarecimento do MDLP» no Canadá, afirmou vigorosamente que, está disposto a regressar a Portugal e restaurar aqui a «democracia», «mesmo que para isso», Portugal tenha que mergulhar numa guer-

ra civil». A sua posição, quanto ao VI Governo (os tais que também reclamam por «trabalho, ordem, disciplina e sentido de sacrifício») é elucidativa da correlação de forças e da falta de coesão existente no mesmo. Diz Spínola «as actuais estruturas do Poder ainda tem demasiado «joio». É que o 25 de Novembro, não passou de uma primeira «monda» a reclamar continuidade».

Spínola reconhece que o 25 de Novembro foi um golpe de direita. Ao dizer que as estruturas do actual Poder tem demasiado «joio», Spínola pressupõe que já lá tem «trigo» (leia-se «fascismo»; quanto ao «joio», põe os «Nove» na linha do inimigo. Vasco Lourenço, Melo Antunes, e outros veem agora o que lhes serviu terem jogado com um pau de dois bicos. E, não conseguindo implantar aqui a social-democracia, bem sabem o que lhes está preparado...

A direita só faz golpes, só ameaça com a guerra civil, só tenta «entrar a matar» quando ve seriamente ameaçados os seus privilégios, com o avanço dos trabalhadores organizando-se para a tomada do Poder. Equanto maior é o avanço da direita, quanto mais se aproxima o fascismo, maior capacidade de resposta terão os trabalhadores que ter, para conseguir formar uma barreira ao fascismo e tomarem o Poder.

É significativa a afirmação feita por Calvão de Melo em entrevista ao «Diário de Notícias» quando lhe foi posto o problema se, acaso viesse a ser Presidente da República, aceitaria ou não a entrada do ex-general Spínola no País, este respondeu: «Nada faria para impedir a entrada do general Spínola em Portugal. Quanto às condições do regresso deste não posso responder porque não sei; só ele o saberá. Também quando saiu não me perguntou nada acerca de como deveria sair. Portanto, neste momento nada mais lhe posso adiantar».

Será este um dos candidatos à presidência da República, que afirma ter a maioria do povo consigo...

EANES E A N.A.T.O.

Em entrevista concedida ao jornal conservador alemão «Die Welt», Ramalho Eanes afirmou que o Exército português «tinha voltado a ser fiel aos compromissos perante a Aliança Atlântica».

A afirmação do actual Chefe do Estado Maior do Exército não deixa de ser curiosa, uma vez que, após

o 25 de Abril, os nossos governantes sempre manifestaram o seu apoio a esta aliança militar das potências capitalistas ocidentais.

De resto, Pinheiro de Azevedo, quando regressava de uma reunião da NATO em Bruxelas, chegou mesmo a enaltecer a democracia existente no seio da NATO...

O C.D.S. EM LISBOA

A cidade de Lisboa, teve oportunidade de observar no passado domingo, dia 8, um elegante desfile de bons carros, boas motos, bons casacos de peles, a caminho do Campo Pequeno para assistir ao primeiro comício do CDS na capital.

Lá vimos os saudosistas do regime de Caetano, que desde o 25 de Abril de 1974 não tinham tido nada que festejar, e lá ouvimos gritar «JAIME NEVES, JAIME NEVES» ou «GALVÃO TEM PACIÊNCIA, TENS QUE IR PARA A PRESIDÊNCIA».

Cá fora, a protegê-los, perto de uma centena de polícias de choque e GNR de capacete, viseira, metralhadora, colete à prova de bala, granadas de gás e respectivas máscaras. É assim que, passado o 25 de Novembro, ultrajadas que estão muitas das liberdades e conquistas dos trabalhadores após o 25 de Abril, a burguesia continua a ter que se proteger, «não fosse o diabo tecê-las».

É curioso notar a profusão de «meninos bemb» da Costa do Sol, com os seus capacetes de motos olhando de uma maneira pseudo-pidesca todos os transeuntes, tentando detectar numa palavra ou num gesto qualquer «comunista» para lhe tentarem dar de imediato um «ensaio». Mas virou se o feitiço contra o feiticeiro, e no fim do comício, alguns milhares de contra-manifestantes que se encontravam

do outro lado da rua deram, eles sim, deram um valente «ensaio» aos comiantes.

De qualquer maneira o comício do CDS, não foi feito para preencher uma tarde de domingo à burguesia lisboeta. Foi mais um avanço de direita fascizante que, tendo sido em Lisboa, centro político militar do País — terá repercussões a nível nacional. O CDS sabe bem, que para conseguir assegurar, como assegurou, Freitas do Amaral, a vitória eleitoral, tem que ir tentando conquistar o Centro e Sul do País, contando para isso com a acção organizada dos seus fiéis discípulos, retornados, agrários, patrões que vão regressando etc.

A tudo isto, a esta jogada bem preparada pelo Imperialismo de penetração em Portugal do fascismo pela via eleitoral e não só, terá que ser a organização dos trabalhadores a por cobro. Há que haver união, organização e armamento da classe operária e de todos os explorados, para poder responder integralmente à direita organizada nacional e internacionalmente, ao FASCISMO.

A organização nacional do CDS e de toda a burguesia reaccionária, os trabalhadores terão que responder com a SUA organização. As armas do CDS (e parece que não são poucas), do ELP, PPD, Comandos etc., os trabalhadores terão que responder com as SUAS armas.

NEM TODOS OS COMANDOS SÃO FASCISTAS

Com a presença de Jaime Neves, Almeida Bruno, Roberto Durão e Soares Carneiro (entre outros menos conhecidos...) realizou-se no passado dia 7, em Lisboa, a primeira Assembleia Geral da Associação de Comandos, na qual tomaram parte cerca de 700 comandos e ex-comandos.

De acordo com o jornal «O Dia», que é o porta-voz da direita fascizante nos quotidianos lisboetas, a legalização da referida Associação só foi possível no final de Novembro pois, «durante o consulado gonçalvista», entendia-se que se tratava de «uma associação de reaccionários e conservadores».

Apesar disto, Jaime Neves consi-

derou que «há pessoal que não convém estar no Regimento de Comandos da Amadora», pois «estão filiados em partidos políticos cuja ideologia é totalmente adversa à do RCA».

Qual é para Jaime Neves, a ideologia do Regimento de Comandos da Amadora? E, apesar dos últimos discursos de Vasco Lourenço virem carregados de apelos ao não partidarismo nas Forças Armadas, será que Jaime Neves admite apenas algumas ideologias partidárias de direita nos «Comandos»?

Seja como for, parece que Jaime Neves anda aflito com alguns elementos do seu Regimento. De facto, nem todos os «Comandos» são fascistas...

DENÚNCIA DO AVANÇO DA DIREITA MILITAR

«O panorama actual das Forças Armadas é inquietante. Os esforços desenvolvidos desde o 25 de Abril de 1974 até ao 25 de Novembro de 1975 para transformar as Forças Armadas, que foram um dos principais suportes do colonial-fascismo, numa F.A. revolucionária ao serviço das massas trabalhadoras, estão seriamente comprometidas. A direita fascizante ainda não tem completamente o poder, mas prepara-se afinadamente para o assaltar.

«Só a nossa Unidade, Organização, Vigilância, podem obstar que os sectores da direita reaccionária das F.A. anulem todas as transformações positivas verificadas no Exército, Armada e Força Aérea ao longo destes meses da Revolução» — afirma a Comissão Revolucionária das Forças Armadas num comunicado dirigido aos soldados, marinheiros, sargentos e oficiais progressistas, no passado dia 20 de Janeiro.

Após analisar a situação existente em Custóias e Caxias, o comunicado prossegue:

O QUE SE ESTÁ A PASSAR NO INTERIOR DAS FORÇAS ARMADAS

Passagens compulsivas à reserva e afastamento de militares progressistas

«A incredulidade da população face às «explicações» dos meios militares oficiais sobre o que foi o 25 de Novembro e, acontecimentos decorrentes, não deixa de aumentar. A C.V.R.F.A. voltará brevemente junto de vós para desmontar toda essa construção, vinda hoje a público, que visa tentar manipular sem vergonha as opiniões contra a Revolução portuguesa. Todavia essa incredulidade transforma-se em pesadelo quando, pelos jornais, se toma conhecimento da passagem compulsiva à reserva do general Vasco Gonçalves, e dias depois se sabe que se apresentou, na situação de activo, na Direcção de Arma de Infantaria, o capitão Maltes da Polícia de Choque, que tanta bordoadada deu e mandou dar a milhares de manifestantes antifascistas, e tantos cães contra eles assolou.

A tendência em trocar militares progressistas por militares hostis ao 25 de Abril, generaliza-se.

Na Armada, só para citarmos dois exemplos ao acaso do que acabamos de dizer, os almirantes Ferrer Caeiro e Barahona Fernandes voltaram ao activo depois de terem saído após o 25 de Abril.

Para a recomposição dos efectivos o reajustamento das Unidades do Exército, Armada e Força Aérea, utilizam-se outros expedientes, além da passagem compulsiva à reserva e da simultânea readmissão no activo de fascistas ou reaccionários, como já referimos.

A marginalização, o esquecimento, a falta de ética militar nas relações pessoais (o que por outras palavras se chama grosseria), são processos correntes para desencorajar quem os vive e, consequentemente, empurrá-los para a reserva. Mas quando as pressões ou o cansaço não são suficientes para afastar um militar progressista do serviço activo, então ex-

perimenta-se a transferência para situações menos requeridas — lugar e funções —, tal como se passava no fascismo.

Recrutamento de mercenários

O contraste entre os convites formulados para recrutamento de mercenários a vencer 4600\$00 mensais com alojamento e alimentação garantidos, e a passagem à disponibilidade ou à situação de licença registada associadas a ameaças de averbamento na caderneta de termos que impossibilitam o emprego em serviços públicos e empresas nacionalizadas, aponta-nos para outra medida que está a ser adaptada no Exército. É a seguinte:

— Esvasiar as unidades militares, na medida do possível, dos soldados que vão cumprir o serviço militar obrigatório por um soldo de miséria, mas animados a ocuparem um posto importante de defesa da Revolução.

— Inversamente, ao aumentarem os efectivos de certas unidades com mercenários, recrutados no submundo da parasitagem, do vício e do desemprego crónico que a sociedade capitalista segrega, pretende-se adequar essas unidades a novas missões, que serão evidentemente repressivas.

A austeridade não é para todos?

Recrutam-se mercenários a 4600\$00 mensais com alimentação, alojamento e até prémios especiais, enquanto se congelam as contratações colectivas e se aumentam os preços dos produtos de 1.ª necessidade. E os quadros militares que tão «patrioticamente salvaram» Portugal, em 25 de Novembro, da «banca rota», que impediram, nessa data, que a situação económica resvalasse para a «catástrofe», que puseram termo de vez, à «incompetência» dos «golpistas» o que exigem presentemente?

— Nada mais nada menos que o aumento dos seus vencimentos!

E consta que foi atendida esta reivindicação...



De facto há notícias de que o Conselho da Revolução autorizou, e aguarda-se homologação do Presidente da República.

Então a austeridade não abrange os «competentes, honestos, desinteressados e revolucionários operacionais»?

S.U.V. — PORTO

“A NOSSA ORGANIZAÇÃO NÃO FOI DESTRUÍDA”

«A nossa organização de soldados não foi destruída, como queriam os fascistas que organizaram o golpe reaccionário de 25 de Novembro. Os saneamentos, as expulsões do Exército, as ameaças de represália não foram suficientes para travar a nossa luta. De Norte a Sul do País os trabalhadores fardados retomam o combate pelo fim da exploração e pela construção da sociedade socialista.

Para o triunfo da Revolução Socialista não contribuiu a libertação de pides e dos fascistas, nem a prisão dos revolucionários. Não são medidas socialistas congelar os salários enquanto se dão aumentos aos militares.

Também desta vez nos querem atirar lama para os olhos: enquanto nós fomos aumentados quinhentos e cinquenta escudos, os oficiais e sargentos, que já ganhavam para cima de 30 a 40 vezes o nosso salário, foram aumentados mais do dobro de nós. Também nós soldados temos família, casa, encargos, despesas com transportes. Damo-nos conta de que os militares no Poder não estão dispostos a perder os seus privilégios, que é como quem diz, estão-se nas tintas para a REVOLUÇÃO SOCIALISTA.

Pois nós também não estamos dispostos a deixar reconstruir o fascismo. Não nos esqueçamos dos nossos irmãos de classe que diariamente são explorados nas fábricas e nos campos. A nossa luta contra a exploração é a mesma. Organizemo-nos nos quartéis e unamo-nos às organizações de base dos trabalhadores, com vista à revolução socialista, que a VITÓRIA É CERTA.»

OPERÁRIOS E CAMPONESES, SOLDADOS E MARINHEIROS, UNIDOS VENCEMOS ABAIXO O NOVO PRÉ DE MISÉRIA TRANSPORTES GRATUITOS JÁ CONTRA O FASCISMO, CONTRA O CAPITALISMO, REVOLUÇÃO SOCIALISTA

Núcleo S. U. V. do Hospital Militar/PORTO
9 de Fevereiro de 1976

AS BUSCAS CONTINUAM

As buscas, sob o pretexto de procura de armas, droga, etc., continuam a ser feitas indiscriminadamente, atingindo fundamentalmente, e como era de prever, as organizações populares e de preferência as que se encontram em maior estado de desenvolvimento.

Debaixo de variados pretextos que são dados aos trabalhadores (também no Chile isso aconteceu), existe na prática uma larga campanha de intimidação uma tentativa organizada de fazer com que as estruturas populares recuem na organização.

Outra explicação não pode haver para as consecutivas buscas e rusgas feitas, a altas horas da madrugada com grandes aparatos bélicos e ofensas à integridade física, quando, simultaneamente, se ignoram os E. L. P.s/M. D. L. P.s fortemente armados, já não falando no tal carregamento de armas para o C. D. S. recentemente descoberto.

A semana passada, foi a vez da zona da Cova da Piedade e do Seixal

No mesmo dia, foram feitas buscas à Clínica Popular da Cova da Piedade e à sede da Comissão de Moradores da zona Centro, ambas «visitadas» pela segunda vez, justificação: Ter havido uma carta anónima que denunciava ser ali o «maior arsenal do Sul».

Por volta das 6,30 da manhã, lá se voltou a repetir a já quase «familiar» de muita tropa, (G.N.R. P.S.P. e R. I. O. Q.) grande aparato bélico, portas arraboadas, e NADA, depois de horas de busca.

Caso curioso: a busca foi feita em cima de uma mesa, na sede da Comissão de Moradores, um papel com uma CRUZ SUÁSTICA desenhada...

Nessa «operação», além de militares, viam-se alguns indivíduos à paisana, que, se eram igualmente militares, pelo menos não se identificaram como tal... Aqui há uns tempos, muito se

especulou sobre civis armados... agora isso é ignorado?

Uns dias antes, mais duas cooperativas foram também alvo de intensas buscas, perto do Seixal.

A vontade de criar todo um clima de pânico na população, favorável ao retorno do FASCISMO, desta vez, como de todas as outras, não resultou.

Os trabalhadores, que já suportaram 48 de anos de fascismo sob a ameaça das armas, sabem bem o que isso é, e não estão dispostos, quer a deixar-se intimidar, quer a permitir à burguesia e ao capital monopolista

que se instale de vez neste país.

Por isso, os trabalhadores se organizam, por isso estão a ser desencadeadas acções de Norte a Sul do País, que provam bem o descontentamento popular, e a decisão de LUTAR até ao derrube definitivo do poder da burguesia, nem que isso lhes custe a vida.

Para além do já referido, houve posteriormente mais duas buscas, uma delas particularmente interessante no Couço, e outra no Muxito.

Forças da G. N. R., P. S. P., e Polícia Judiciária, alegando como das outras vezes «detecção de armamen-

to, estupefacientes e cidadãos estrangeiros» revistaram a Comuna «Che Guevara»

No Couço houve foi busca generalizada à vila, tendo inclusivamente sido revistadas as sedes do P. C. P., M. D. P./C. D. E. e P. S. (I).

Denuncia?

Há muito tempo, que vão sendo frequentes «denúncias». Se continuarem a haver ao mesmo ritmo (ou se este for acelerando), será que as autoridades militares e para-militares se dispõem a incomodar tudo e todos diariamente?

LIBERTAÇÕES — TROCA POR TROCA?

Têm-se verificado ultimamente um número considerável de libertações, provenientes de Caxias, Custóias, Santarém, Peniche e Alcoentre, que englobam elementos revolucionários presos aquando do golpe reaccionário do 25 de Novembro ou conhecidos reaccionários presos imediatamente após o 25 de Abril, 28 de Setembro ou 11 de Março.

O actual Poder chegou finalmente à conclusão de que, mesmo abrindo processos criminais e fazendo sair um relatório preliminar aos acontecimentos do 25 de Novembro pronto para incriminar a esquerda civil e militar, mesmo assim, teve que chegar à conclusão de que não podia permanecer mais tempo na sua posição inicial de não ceder nem um milímetro à vontade dos trabalhadores.

O Poder sabe bem que para conseguir continuar com a sua política anti-operária, para conseguir continuar com a congelação dos Contratos Colectivos de Trabalho, com o aumento dos preços, com a repressão que já se vai generalizando sobre os trabalhadores, tem que ceder em certas alturas e recuar noutras ocasiões, sem que isso no entanto lhe vá afectar o seu esquema montado de avanço da Direita, de continuação do capitalismo.

Sendo assim, punha-se o problema da urgente libertação dos revolucionários presos, que estava já a gerar grande descontentamento popular, descontentamento esse que poderia ser perigoso para um Conselho da Revolução que já por si tem a sua base social de apoio bastante restringido

e pouco coeso.

Começam então a ser libertados militares que ocupavam postos essencialmente administrativos (ex-SDCI e outros) ou que por condições objectivas têm pouca capacidade de mobilização de soldados. Foi este o critério: libertando aqueles que menos problemas (entenda-se mobilização de soldados e trabalhadores) pudessem trazer à direita, instalada nos postos chave do país.

Simultaneamente vão sendo soltos conhecidos reaccionários e muitos PIDES. E assim, que a direita vai ganhando força, que se vai instalando e controlando, cada vez mais, o aparelho de Estado, e tentando assim impedir qualquer organização por parte dos trabalhadores.

G.N.R. ESPECIALIZA-SE EM INGLATERRA

O progressivo agravamento económico-social da situação política em que vivemos obriga a social-democracia no poder a reprimir exemplarmente qualquer luta organizada dos trabalhadores e dos revolucionários.

Com efeito, a população começa-se a habituar ao espectáculo lastimoso que é ver a polícia de choque (a mesma de antes do 25 de Abril) ou a GNR em acção nas ruas, cooperativas, comícios (da direita, entenda-se) ou mesmo aquando de greves e ocupações como aconteceu no Pão-de-Açúcar e na greve que o co-

mércio retalhista levou a cabo no passado dia 11.

Por outro lado, o «Daily Mirror» informa que elementos da GNR se está a especializar «muito discretamente» nas técnicas britânicas de anti-guerrilha urbana. Este estágio motivou já protestos na Câmara dos Comuns por parte de um deputado trabalhista.

Será que os actuais órgãos do poder antevêm a possibilidade de Portugal se transformarem algo semelhante à Irlanda? Se assim não é, porque motivo se especializa a GNR em técnicas britânicas de anti-guerrilha urbana?



GNR APRENDE COM OS INGLESES
Mas isto já eles por cá fazem!...

ALEMANHA 1933

O FASCISMO POR

No momento em que se desenha cada vez com maior clareza a possibilidade de Portugal voltar a viver sob um regime fascista, parece-nos importante analisarmos em linhas gerais o modo como que processou, durante a década de 20 e início da de 30, a ascensão ao poder, pela via eleitoral, do fascismo na Alemanha.

Com o presente texto, que é essencialmente histórico, pretendemos mostrar que o fascismo não tem necessariamente que subir ao poder através de um golpe de Estado (como aconteceu entre nós em 28 de Maio de 1926) e no Chile em 11 de Setembro de 1973) ou através de uma guerra civil desencadeada pela burguesia (como foi a de 1936-39 em Espanha).

É importante que os camaradas, ao lerem este artigo não caiam na tentação fácil de comparar «a papel químico» as situações do Portugal de hoje com a da Alemanha de então. Comparações desta natureza, que não levam em conta a especificidade concreta da actual situação portuguesa, podem subestimar perigosamente a possibilidade de os fascistas levarem a efeito um golpe em Portugal...

A ALEMANHA DO PÓS-GUERRA

Para compreendermos como se processou a ascensão de Hitler ao poder, á que caracterizar em linhas gerais a situação económica, política e social da Alemanha.

Assim, de acordo com o texto assinado pelas potências burguesas vencedoras da 1.ª Guerra Mundial em Versalhes, a Alemanha, como nação derrotada, era obrigada a pagar uma pesada indemnização de guerra (pelo que ce- deu quase toda a sua frota mercante, carvão e muitas outras importantes mercadorias), além de se comprometer a destruir todo o material bélico, limitando-se a ter um «exército de polícia» composto por 100 000 homens.

O Tratado de Versalhes teve, assim importantes consequências na Alemanha do pós-guerra, uma vez que, ao mesmo tempo que as potências burguesas vencedoras da guerra (França, Inglaterra, Estados Unidos) reconstruíam o capitalismo através de um apreciável incremento industrial, a Alemanha defrontava-se com gravíssimos problemas. De facto, e dado que se tratava de um país que, quer pela condição de derrotado em que assinou o Tratado de Versalhes, quer pela importância das contradições já existentes durante a primeira Guerra Mundial, sentiu a crise com especial dureza.

Assim, 1918 é o ano em que se inicia um período de grande agitação social na Alemanha.

Desde Janeiro que as massas, cansadas da guerra e das privações que lhes eram impostas pela partilha do mundo que as nações imperialistas faziam entre si, levam a efeito um enorme número de greves gerais nas principais cidades (Berlim, Hamburgo,

Kiel, Breslau, Dantzig, Munique, Nuremberga, etc). A partir de então multiplica-se e fortalece-se um poderoso movimento de massas que dá origem em toda a Alemanha aos Conselhos Operários. Este movimento, que é fértil em ensinamento e em criatividade operária, culmina em 9 de Novembro de 1918 com a proclamação em Berlim da República socialista Livre da Alemanha.

Termina nesta ocasião a monarquia alemã. Guilherme II é demitido e, embora se recusa a abdicar, foge para a Holanda. Constitui-se um governo formado por 6 comissários do povo (3 sociais-democratas e 3 sociais-democratas independentes) sendo também assinado um armistício. O governo russo (que havia tomado o poder cerca de 1 ano antes) telegrafa a Liebknecht saudando a revolução alemã e oferecendo 50 000 libras de farinha, oferta que é recusada pelo governo alemão.

Não é nosso objectivo analisarmos aqui os graves erros cometidos então pela esquerda alemã (em parte fruto das suas contradições), razão pela qual não nos deteremos na explanação crítica do que foram os meses seguintes á Insurreição de Novembro. Limitamo-nos a referir que o aparelho de Estado continuou preenchido pelos funcionários reacçãoários; que tres dos comissários do povo pertenciam ao Partido Social-Democrata traidor, no qual se encontravam Ebert, e Scheidemann; que se marcaram eleições para a Assembleia Constituinte e que era punido com 5 anos de prisão todo aquele que não entregasse as armas ás autoridades constituídas.

O que importa para o caso é que a esquerda alemã, que tinha dirigentes da envergadura de Karl Liebknecht, Rosa Luxemburgo (ambos assassinados em 15 de Janeiro de 1919) bem como Clara Zetkin, entre outros, cometeu erros tais que permi-



ROSA LUXEMBURGO

«Existe na Revolução uma regra absoluta: nunca parar uma vez dado o primeiro passo, nunca cair na inacção, na passividade. (...) Esta regra elementar, que se aplica em todos os combates, vale sobretudo durante os primeiros passos da Revolução».

tiu á social-democracia no poder, o desempenho cabal de um papel contra-revolucionário, por tal forma que a partir daqui assistimos a uma progressiva deterioração da condição de vida da classe operária alemã.

A REVOLUÇÃO DE 1918

Como afirmava Rosa Luxemburgo no seu importante discurso do Congresso de fundação do Partido Comunista Alemão (Liga Spartacus) em 31 de Dezembro de 1918 «o 9 de Novembro foi uma revolução cheia de insuficiências e de fraquezas. Não é de admirar. Era a revolução, depois de 4 anos de guerra, depois de 4 anos durante os quais o proletariado ale-

mão, graças à educação que lhe impingiu a social-democracia e os sindicatos, deu provas de uma fraqueza tal e de uma tal renúncia das suas tarefas socialistas, que não encontramos paralelo em nenhum outro país». (1)

Com efeito «puseram-se à cabeça do movimento elementos que duas horas antes da explosão da Revolução consideravam ainda como sua missão por-se contra ela, torná-la impossível: os Ebert, os Scheidemann, os Haasel» é que «a ilusão da burguesia era que, servindo-se da aliança Ebert-Scheidemann e da República dita socialista, poderia, efectivamente, conter as massas proletárias e abater a Revolução Socialista».

A realidade demonstrou, como era de prever, que o governo social-democrata era absolutamente incapaz de

VIA ELEITORAL

representar a **alternativa revolucionária**. Assim, «os Ebert-Scheidemann estão pois, no caminho da simples restauração das condições anteriores ao 9 de Novembro.

Mas, agindo deste modo, colocaram-se num plano inclinado que os precipitará no abismo. Na verdade, a reconstituição das condições anteriores a 9 de Novembro já era impossível em 9 de Novembro, e hoje a Alemanha está a 100 léguas dessa possibilidade. Para obter o apoio reforçado da única classe cujos interesses verdadeiramente defende, a burguesia — e esse apoio tem-lhe visivelmente faltado depois dos últimos acontecimentos — o governo será obrigado a conseguir uma política cada vez mais ferozmente contra-rrevolucionária.

As exigências dos Estados do Sul, que os jornais de Berlim publicam hoje mostram claramente o desejo de restabelecer, como dizem, «uma segurança reforçada na Alemanha». Isto significa em linguagem clara: declarar o Estado de sítio contra os elementos «anarquistas», «putchistas», «bolchevistas», isto é, contra os verdadeiros socialistas. As circunstâncias levarão Ebert Scheidemann à ditadura, com ou sem estado de sítio.»

A ASCENSÃO DO PARTIDO NAZI

Entretanto, e como se compreende, os fascistas alemães começavam a organizar-se, e é neste sentido que deve ser compreendida a formação em Janeiro de 1919 do Partido Operário Alemão, o qual a partir de 1 de Abril de 1920 passaria a chamar-se Partido Nacional Socialista (NSDAP).

Como é sabido, Adolf Hitler assume no Verão de 1921 a chefia deste partido nazi (National-sozialist).

Em 8 de Novembro de 1923, com a conivência do general Ludendorff, Hitler tenta em Munique um golpe fascista. Porém, dado que a situação ainda não estava madura para que o fascismo ascendesse ao poder (a social-democracia ainda desfrutava de um relativo apoio nas massas e, por outro lado Hitler não era inada reconhecido pelos capitalistas alemães como o seu representante e salvador) o golpe falhou. Hitler é condenado a 5 anos de prisão, mas os sociais-democratas decidem diminuir-lhe a pena para 11 meses, tempo durante o qual o ditador alemão dita a Rudolph Hess a sua obra «Mein Kampf» (A Minha Luta).

Entretanto, na Itália Mussolini havia

tomado o poder em Outubro de 1922, assassinava o dirigente socialista Matteotti em 3 de Janeiro de 1925 e, finalmente, condenava em Maio de 1928 Gramsci a 20 anos de prisão.

Apesar de Hitler, após a sua libertação em Fevereiro de 1925, ter iniciado a reconstrução do partido nazi, a verdade é que, em 1928, este partido dispunha apenas de 2,6 por cento da totalidade dos votos.

É a partir da progressiva deterioração da situação económica em todo o mundo capitalista (1929 é o ano do «krack» da bolsa de Nova York) que o partido nazi vai aumentando sucessivamente o seu apoio interno. Por outro lado, também a nível internacional alguns estados burgueses apoiaram, explicitamente ou não, a subida de Hitler ao poder. Além disto, os meios militares alemães, fascinados pela promessa de rearmamento alemão e pelo avanço dos comunistas na Europa, contribuíram grandemente para a ascensão de Hitler ao poder.

Apesar da aparente estabilidade e prosperidade dos anos 24-28, nenhum dos verdadeiros problemas da Alemanha tinha sido resolvido e malogravam-se sucessivamente todos os esforços da burguesia liberal alemã para se aguentar no Poder.

Tendo 500.000 desempregados em 1927, a Alemanha vive em 1928 (tal como outros países capitalistas) uma tremenda recessão económica, que se traduz por um défice da balança comercial de 4,5 milhões de marcos.

Por outro lado, em Outubro de 1928, deflagra-se um grave conflito social: um pedido de aumento de salários provoca o «lock-out» para 200.000 operários da Ruhr a partir de 1 de Novembro do mesmo ano. O conflito é característico da nova tendência dominante no patronato alemão, o qual não hesita em lançar ostensivamente os trabalhadores no desemprego.

Assim, em 16 de Julho de 1927 o número de desempregados cifra-se em 800.000, para em 1929 ser de 2,3 milhões.

Por outro lado, os antigos partidos da direita alemã (nacional-alemão), que até então haviam considerado Hitler como um demagogo e um agitador, não hesitam em apoiar o ditador nazi que, imagine-se, por ocasião de um processo de corrupção de 3 oficiais nazis, afirmou que o seu partido nunca tomaria o Poder pela força, mas pela via parlamentar legal (é o famoso juramento de respeito pela legalidade em 25 de Setembro de 1930).

A partir daqui, e após ter recebido em 27 de Janeiro de 1932 o apoio dos grandes capitalistas alemães, Hitler prossegue a sua ascensão, não obstante ter perdido as eleições presidenciais em 13 de Março do mesmo ano. É justamente em Janeiro de 1933 que Hindemburgo nomeia Hitler para primeiro-ministro. Em Fevereiro do mesmo ano dá-se o célebre incendio de Reichstag e, finalmente, em Março o partido nazi obtém a vitória nas eleições, consumando-se assim a sua política e respectivas consequências (ver no quadro anexo).

(1) — Esta transcrição, bem como todas as que se seguem, é extraída do II tomo das obras de Rosa Luxemburgo, edição Masporo, pág. 101 e seguintes.

(2) — (Weimar, Flamarion, Questões de História, 1968, pág. 95/98)

Evolução dos votos nas Legislativas (%)

	Nazis	Comunistas	Soc.-Democ.
19/1/1919 (constituente)	—	—	45,7
6/6/1920	—	2,1	38,9
4/5/1924	6,6	12,6	20,5
7/12/1924	3	9	26
10/5/1928	2,6	10,6	29,8
14/9/130	18,3	13,1	24,6
31/7/1932	37,3	14,3	21,6
6/11/1932	33,1	16,9	20
5/3/1933	43,9	12,3	18,3

VIANA DO CASTELO JUVENTUDE SOCIALISTA SAI DO P.S.

Com a agudização da luta de classes no nosso país, muitos são aqueles que se definem e que optam.

Assiste-se, assim, à saída nos partidos burgueses, de militantes revolucionários para os quais o momento é o da grande opção.

Em Viana saíram da Juventude Socialista 50 jovens que irão engrossar a esquerda revolucionária.

Eis o comunicado:

«Os 50 signatários deste documento, entre eles o secretariado da Juventude Socialista de Viana, face às calúnias e perseguições internas de que foram vítimas após o comunicado e manifestação contra o aumento do custo de vida, levada a cabo pela J.S. desta cidade em 9-1, consideram impossível a militância num partido que renuncia às suas linhas programáticas em favor de posições do governo burgueses.

As permanentes ambiguidades e contradições da linha política seguida pelos órgãos directivos do PS, todos eles voltados ao carreirismo político e a ambições do poder resultantes das comprometedoras alianças à social-democracia europeia e ao capitalismo internacional, consagram, definitiva e inequivocamente, a traição pelas cúpulas do partido ao povo português, aos trabalhadores e ao socialismo.

Limitando-se à demagogia de tribuna, megalómana, eleitoralista, inconsciente e inconsequente, de cariz alianatário como método de acção, o Partido Socialista tem como fruto as bases mais divorciadas dos problemas concretos da vida nacional, a par de um obscurantismo premeditado e perpretado pela total ausência de formação e prática política, fazendo dos socialistas militantes de manifestações e comícios para maior obstáculo ao derrube do capitalismo, das instituições burguesas e à implantação do socialismo.

Direito à crítica, tendencia, pluralismo e democracia interna são expressões destituídas de sentido na vivência partidária, quando a luta de classes se desenrola no seu seio. A Comissão Nacional de Conflitos silencia, através de métodos pidescos, inexoravelmente todos aqueles que se opõem à supremacia das classes mais favorecidas.

A hora grave que vivemos exige a clarificação de posições políticas para que se defina, concretamente, o que queremos e para onde vamos. É, pois, um dever de consciencia recusarmos o nosso aval a tal forma de actuação, pelo que apresentamos as nossas demissões do Partido Socialista.»

Viana do Castelo, 11-2-176

“Diário do Sul”

— “perder o jornal seria uma derrota para todos os trabalhadores”

Um dos meios de que a burguesia se serve para exercer a sua dominação sobre o povo trabalhador é através da propagação da sua ideologia reacçãoária. Para alcançar este objectivo a classe dominante serve-se dos órgãos de Informação particularmente a Imprensa.

Depois do 25 de Abril o fascismo perdeu terreno neste sentido, o que levou a que se assistisse a uma verdadeira «batalha da Informação» de modo a poder caluniar as lutas dos trabalhadores e criar o divisionismo e a confusão, tentando assim travar o processo revolucionário a favor dos detentores do capital.

Em 13 de Março do ano findo os trabalhadores do «Diário do Sul» decidem-se pela ocupação das instalações iniciando assim um processo de luta que tem sido alvo de ataques por parte da antiga direcção fascista que directa ou indirectamente vem tentando sabotar a todo o custo a luta dos trabalhadores.

Depois do 25 de Novembro a classe exploradora sentiu que tinha uma mais ampla base militar de apoio e lançou-se «organizadamente» à ofensiva, tomando a seu favor o controlo de quase toda a Imprensa. É evidente que com a aproximação das eleições burguesas, a luta se agudizou a tal ponto que os trabalhadores do «Diário do Sul» tiveram que enfrentar mais uma investida da reacção que tentou jogar novamente na divisão.

O REVOLUÇÃO contactou com um membro da Comissão de Trabalhadores que esclareceu os nossos camaradas sobre o processo de luta tratado até à data:

REVOLUÇÃO: Como começou a vossa luta?

TRABALHADOR: O «Diário do Sul» era um jornal que estava ao serviço de interesses fascistas, ligados aos latifundiários da região, e que apoiava antes do 28 de Setembro o general Spínola. No próprio dia 28 saiu um artigo que se intitulava **A maioria silenciosa**.

Perante isto, no dia 13 de Março numa manifestação com milhares de trabalhadores convocada pelos sindicatos e forças políticas progressistas foi posta uma moção no sentido de acabar com o controlo fascista do jornal, po-lo sobre o controlo dos Sindicatos e Órgãos de Poder Popular. Assim, deu-se a ocupação das instalações e a partir daí o jornal começou a ser orientado e dirigido pelos trabalhadores.

REVOLUÇÃO: Como tem conseguido superar as dificuldades económicas?

TRABALHADOR: O «Diário do Sul» sempre foi um jornal deficitário. Os meios financeiros para cobrir o deficit, antes da ocupação por parte dos trabalhadores, calcula-se que vinham dos grandes agrários. Após a ocupação do jornal, através da boa vontade e grande esforço dos trabalhadores, tem-se conseguido superar o prejuízo. Os próprios trabalhadores deliberaram em plenário não serem aumentados sem terem as estruturas necessárias para que o jornal se torne rentável.

Os salários são pois pagos segundo a tabela antiga. Já houve mesmo dias em que os trabalhadores tiveram de trabalhar 10, 15 e 20 horas sem receber nenhuma remuneração.

REVOLUÇÃO: Que se passou após o 25 de Novembro?

TRABALHADOR: Após o 25 de Novembro houve uma tentativa de recuperação por parte do ex-director. Aliás o ex-director nunca aparece directamente implicado no caso, põe laços a funcionar.

REVOLUÇÃO: Concretamente o que se passou?

TRABALHADOR: Os elementos do serviço de administração, que já se tinham desinteressado e afastado de toda a organização do jornal pois não compareciam nos plenários e reuniões, escreveram uma carta a pedir o regresso do ex-director. Mudaram a fechadura às instalações e disseram que iam entregar a chave ao Conselho da Revolução, e consideraram clandestina a publicação do jornal a partir disto. Perante isto os trabalhadores comunicaram aos Sindicatos o que se estava a passar e em conjunto reconquistaram aquelas instalações.

REVOLUÇÃO: Qual tem sido a orientação do jornal?

TRABALHADOR: Os trabalhadores sempre tem feito o melhor para que o «Diário do Sul» defenda os interesses da classe, e não quaisquer interesses partidários. É possível que se tenha cometido alguns erros, mas ninguém está insento de cometer erros. Existe uma comissão de trabalhadores composta por 5 elementos eleitos em plenário, e realizam-se reuniões quase consecutivas com todos os trabalhadores. Portanto, as decisões e orientações do jornal são resolvidas por todos os trabalhadores. Além disso sempre se tem pedido a colaboração em textos aos sindicatos e órgãos de poder popular.

REVOLUÇÃO: Quais são, na sua opinião, as conclusões e implicações políticas desta luta?

TRABALHADOR: Esta manobra insere-se num processo geral de tentativa de recuperação das empresas controladas pelos operários, por parte do capitalismo. Acho que isto foi um apalpar de terreno. Hoje conquistavam o «Diário do Sul», amanhã conquistavam muito mais. Não é por acaso que neste momento o C. D. S. aparece em força;

e convém conquistar o jornal para o utilizar na sua campanha eleitoral, para servir os interesses dos grandes agrários. **A perca do «Diário do Sul» seria uma perca para os trabalhadores em geral.**

É preciso que os trabalhadores deem uma resposta imediata a tentativas deste género, pois se assim não for, hoje perdem-se algumas conquistas, e amanhã perde-se tudo.

BEJA

Então agora é assim sr. juiz?

Os órgãos de Poder Popular são neste momento alvo de um ataque por vezes pedesco do actual aparelho de Estado burguês.

Assim em carta enviada ao presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Beja, o delegado do Ministério da Justiça em Beja solicita que aquele elemento lhe indique «com a possível brevidade se são conhecidos os autores da manifestação levada a efeito no dia 6 do corrente, junto deste Tribunal» (Por outro lado, é também solicitada «a identificação dos componentes da Intercomissões de Moradores desta cidade».

A este officio responderam do seguinte modo a Intercomissão de Moradores de Beja.

«Depois do 25 de Novembro, as forças fascistas e do capital, puseram-se em plena ofensiva, no sentido de nos esmagarem, e de nos roubarem as nossas conquistas, impondo em Portugal um regime fascista.

É por isso que assistimos ao congelamento dos contratos colectivos de trabalho, ao aumento do custo de vida, à prisão de militares que sempre estiveram ao lado dos explorados, à repressão sobre os trabalhadores, ao assassinato, aos despejos, etc...

É neste contexto, que as forças reacçãoárias atacam as organizações dos trabalhadores e dos moradores, pois eles sabem bem quem são os seus inimigos. Por isso vimos alertar a população explorada de Beja acerca do que se passa neste momento, com a ocupação de casas, e o que os reacçãoários nos pretendem fazer.

Camaradas: neste momento as

forças ao serviço do capitalismo, têm ordem para prender quem for apanhado a ocupar casas. Neste momento o sr. juiz de Beja, quer o nome dos elementos que fazem parte das comissões de moradores (devido à realização do grande tribunal popular, que evitou que uma família de trabalhadores fossem desalojados), são estes os crimes de que o sr. juiz nos acusa, o de estarmos ao lado dos explorados contra os exploradores. Pode o sr. juiz estar certo que a nossa posição será sempre a mesma.

Nós perguntamos ao sr. juiz, se ele já se preocupou, em saber os nomes dos ELPs e outros fascistas que andam a pôr bombas?

E dizemos-lhe que os explorados em Beja são muitos, e se quiser saber os seus nomes, vá de porta em porta informar-se, porque nós não somos bufos.

É neste momento que se vê, quem está ao lado dos trabalhadores, até às últimas consequências, e quem os atraiça quando vê o rabo a arder.

É neste momento, mais do que nunca, que é necessário UNIR todos os trabalhadores como explorados e oprimidos, sem distinção de partidos, e ORGANIZÁ-LOS nos seus órgãos de classe, (comissões de moradores e comissões de trabalhadores). **PORQUE ASSIM A VITÓRIA SERÁ NOSSA.**

NÃO À REPRESSÃO! NÃO AO AUMENTO DO CUSTO DE VIDA! NÃO AOS DESPEJOS! NÃO AO CONGELAMENTO DOS SALÁRIOS! MORTE AO FASCISMO! ABAI-XO O CAPITALISMO!»

CHELAS

DAS BARRACAS PARA HABITAÇÕES

Um morador do Bairro de Chelas, habitante de uma casa ocupada faz-nos algumas declarações sobre a luta pelo direito à habitação que ali se tem processado desde o 21 de Novembro de 74:

«21 de Novembro de 74 foi a data das grandes ocupações efectuadas por cerca de 3000 habitantes da zona cujas condições de habitacionalidade até à altura eram péssimas, a maioria habitantes de barracas.

O alvo da ocupação foi um bairro a construir destinado a ser distribuído pelas caixas de Pensões, Fundo de Fomento e serviços sociais das Forças Armadas e outros sectores da população, na verdade menos necessitados que estes, quase sem tecto para se abrigarem.

Por aquela data a ocupação que durou 2 dias foi acompanhada de intervenção policial e militar. Apesar do grande pânico gerado por esta ocorrência conseguiu-se levar a cabo as ocupações.

Muitas casas tinham ainda apenas as lajes e os pilares mas os ocupantes respectivos faziam piquetes de vigilância para salvaguardar da sua ocupação até acabada a construção.

Nesses dias surge um plenário com cerca de 2000 pessoas em que é eleita uma Comissão de Moradores composta por elementos da confiança dos ocupantes, que veio a ter o nome de «Comissão de Moradores da zona I de Chelas de Novembro de 74».

A Comissão de Moradores fica encarregue da regularização da situação dos ocupantes de modo a que seja assegurada a habitação.

Devido à falta das necessárias infra-estruturas, de um serviço médico e de escolas, sobretudo as crianças, sofrem, havendo muitas doenças e algumas mesmo nasceram nestas habitações sem janelas, nem portas, sem água nem luz.

De entre os lotes ocupados contam-se os dos Serviços sociais das Forças Armadas, que são 3 e que posteriormente à ocupação do 21/Nov/74 vieram a ser desocupadas a pedido das Forças Armadas de acordo com a C. Municipal.

A Comissão de Moradores procedeu aos processos de regularização da situação dos ocupantes. Um a um e contactou já com todos os Governos existentes depois das ocupações e do

reconhecimento pela Junta de Freguesia de Marvila, sem lhes resolverem contudo o completo acabamento das habitações e a promessa de entrega das mesmas aos ocupantes.

Aparte o processo de luta orientado pela Comissão de Moradores eleita, um grupo de moradores pela sua viva necessidade de casa para se abrigarem, cansados das barracas e das privações, de toda a ordem reocuparam os lotes dos serviços sociais das FA em Abril de 75.

Pesa neste momento sobre estes ocupantes a ameaça de expulsão.

Mas não é mais possível retroceder.

«Não podem ser sempre os pobres a sofrer». Neste momento, desalojar ocupantes, que são na verdade as principais vítimas da sociedade capitalista, que não consegue resolver os problemas da habitação é uma clara medida de direita contra a política de beneficiar as classes mais desfavorecidas. Quem viveu toda a vida em barracas de madeira e de lata, subalimentado, com as crianças doentes. A falta de higiene e com a falta das mais elementares condições de vida, sente na pele a justiça da sua acção revolucionária, sente na pele o direito a viver a casa que ocupou.

Que socialismo se quer construir quando se quer desalojar esta gente?

E se esta gente for desalojada não é o primeiro passo para desalojarem os outros 3000?

Quem ganha, quando se eleva o custo de vida, se desalojam por esse País fora, se congelam contratos colectivos de trabalho, se não reprimem severamente os atentados terroristas, se mantém na prisão militares revolucionários, se tenta pôr fim à Reforma Agrária se não se planifica a economia?

Não ganham os trabalhadores, antes pelo contrário avança a direita, o capitalismo, o capitalismo com muitas contradições, enfim o fascismo.

Por isso os trabalhadores não podem ceder um passo nas suas conquistas.

A luta dos ocupantes de Chelas, como de tantos outros ocupantes insere-se no processo de resposta da classe trabalhadora contra a opressão e a exploração que 50 anos de fascismo cravaram na carne.



Vésperas do 1.º Aniversário da la. Cooperativa da UNIÃO DE COOPERATIVAS do Vimieiro, que engloba mais de 11 cooperativas!

A reacção atacou: uma bomba foi detectada sob o depósito de água. Ao lado da bomba, invólucros e cartuchos de G-3.

A manobra é clara: PROVOCAÇÃO, a que de certo se seguiriam as já habituais rusgas.

Pergunta-se: acto isolado ou plano concebido?

E no segundo caso, até onde vão as complicitades?

AUTARQUIAS LOCAIS

— O custo dos erros Reformistas

Logo após o 25 de Abril, e uma vez feitos os saneamentos, o PC e o MDP/CDE apoiando-se nas suas máquinas a nível nacional fizeram um coordenado assalto aos lugares de administração das autarquias. A sua prática durante determinada fase foi introduzir pequenas alterações e reformas que o fascismo não tinha podido fazer.

Estes partidos tentaram portanto aproveitar o aparelho de Estado existente com todas as suas contradições características de classe no sentido daquilo que eles próprios definiam como «revolução democrática e nacional».

Esta prática reformista não aponta para a participação dos trabalhadores de uma forma directa e activa, pondo em causa toda a estrutura do aparelho de Estado burguês.

Para que a participação dos trabalhadores na organização da sociedade revolucionária têm que ser os próprios trabalhadores a dirigir o processo organizativo. É nesse sentido que apontamos como embriões dessa nova organização (social, política e económica) as comissões de trabalhadores e moradores, os conselhos de

aldeia, e outros organismos de base dos trabalhadores que serão numa fase adiantada do processo, substituídos pelos conselhos revolucionários, componentes do aparelho de Estado proletário.

Com o 25 de Novembro e a consequente alteração da relação de forças, a direita sentiu o chão mais firme para avançar e fá-lo agora a todos os níveis, tentando, no caso concreto das autarquias locais destituir as comissões administrativas reformistas, alegando defender a vontade da população. É o que se passa hoje em numerosas câmaras administrativas.

Se neste momento somos contra o assalto da direita às comissões administrativas, não é porque estejamos de acordo com a sua prática anterior. A razão é compreendermos que a exigência dessa destituição por parte dos partidos de direita (CDS, PPD e PS) se inscreve no panorama mais geral do ataque a todos os avanços dos trabalhadores incluindo os processos controlados pelos reformistas.

A posição dos partidos de direita, é claro, não é anti-reformista, mas anti-comunista.

MINISTÉRIO DO TRABALHO DEVOLVE EMPRESAS AOS PATRÕES

Na escalada que a direita tem vindo a fazer ao nível de todos os órgãos do Poder, o Ministério do Trabalho não podia ficar ileso.

É assim que se assiste à actuação daquele organismo, agora descaradamente defensor dos patrões, (aqueles que roubaram e exploraram, aqueles que sabotaram, aqueles que fugiram com dinheiro para a Suíça, etc.)

Neste momento o Ministério chegou ao cúmulo de começar a devolver as empresas àqueles senhores, que tinham sido ocupadas pelos trabalhadores para porem fim à exploração.

MEALHEIRO DO LAR

Com o despedimento progressivo de trabalhadores, o patronato dos supermercados Mealheiro do Lar, começou a sua grande ofensiva contra os trabalhadores. Seguiu-se a falta de pagamento aos fornecedores, a baixa do stock de mercadoria em armazém. Por outro lado o desvio de dinheiro para outra empresa, o cinema do Lumiar, o pagamento de grandes viagens e estadias em bons hotéis em vários países, tudo isto à conta do dinheiro roubado aos consumidores e aos trabalhadores e que era metido no «seu mealheiro». A falta de cumprimento do C.C.T. o não pagamento, nem sequer do ordenado mínimo nacional (havia trabalhadores que ganhavam 1500\$00/1900\$00 são outras das justas razões invocadas pelos trabalhadores, e que os levaram em Maio do ano passado, a expulsar o patronato e a entrarem em auto-gestão, tendo formado uma cooperativa, a CODIPROL — Cooperativa Distribuidora de Produtos Alimentares. A partir de Maio, altura em que os trabalhadores tomaram conta dos supermercados, houve toda uma luta a travar com os fornecedores, pois o boicote destes foi grande, os trabalhadores viram-se na obrigação de pagar muitas das dívidas feitas pelo patrão, pois só assim lhes era possível manter os supermercados abertos.

No Ministério do Trabalho, a discussão entre aquele organismo e os trabalhadores já vem de longe. A alternativa que o Ministério lhes pos foi — ou o patrão voltava a administrar os bens que lhe pertenciam, ou então os estabelecimentos seriam selados.

O que veio a suceder, e porque os trabalhadores não cederam, foi a selagem dos estabelecimentos:

«Mas nós não desarmamos, continuamos a fazer piquetes à porta das instalações, não arredamos pé. Esta-

mos conscientes e sabemos perfeitamente o que queremos. Queremos alertar todos os trabalhadores para este ataque da reacção e do seu Governo, com especial relevo do dito Ministério do Trabalho que mais não é na prática do que o Ministério Corporativo dos patrões.»

Esta situação mereceu da parte do Ministério um comunicado, no qual justificam a sua actuação:

1 — A empresa de supermercados «O Mealheiro do Lar», com instalações na Estrada de Benfica, 418 e na Rua Luciano Cordeiro, 115, ambas em Lisboa, foi ocupada pelos seus trabalhadores em 21 de Maio de 1975. A motivação para tal atitude esteve no despedimento de um trabalhador, feito pela gerência.

2 — Do processo que desde então corre os cumprimentos no Ministério do Trabalho consistem nas seguintes e principais acusações a gerência (relatório de 17-11-75):

- a) conduta no sentido de existência de mora no cumprimento das obrigações da empresa.
- b) desvio de fundos no valor de cerca de 100 contos;
- c) outros desvios de fundos, apesar da não existência de provas concretas e específicas sobre tal.

3 — Estas acusações vêm, no entanto, a mostrar-se concretamente improcedentes. Assim:

— Sobre a alínea a) — a empresa foi ocupada de uma forma violenta em 21 de Maio de 1975, pelo que é natural que a gerência tenha efectuado o pedido de moratória aos credores. Na verdade, não estava em causa a possibilidade de solver compromissos por falta de disponibilidade, mas sim a possibilidade de solver compromissos, por afastamento compulsivo da gerência;

— Sobre a alínea b) — nada se prova quanto a este desvio de fundos. Aliás, o saldo credor da caixa, de 1729 contos, cobre os 100 contos referidos e dá ainda lugar a uma margem bruta de vendas de 20,8 por cento, superiores em 0,8 por cento aos 20 por cento calculados por amostragem;

— Sobre a alínea c) — trata-se de uma afirmação não comprovada e sem qualquer fundamento.

4 — Salienta-se, ainda, que a gerência procedeu a readmissão do trabalhador despedido (acta de 22 de Maio de 1975): que nunca esteve em causa a estabilidade da empresa; que o capital da empresa foi transferido de Moçambique e de origem paquistanesa; que não existe qualquer situação que permita integrá-la nos pressupostos de aplicação do Decreto-Lei nº 660-74, pelo que não se verifica qualquer hipótese de vir a aplicar o Decreto-Lei nº 597-75.

5 — Atentos os motivos acima descritos, o Ministério do Trabalho interveio no sentido de conciliatoriamente, serem restituídas à gerência as respectivas instalações; no entanto, as diligências do Ministério resultaram frustradas, por uma recusa dos ocupantes à restituição das instalações à gerência da empresa. Note-se que foi garantido aos trabalhadores

que não haveria despedimentos, bem como foi oferecido o apoio ao Ministério para o estabelecimento de adequado controlo de gestão, propostas, aliás, que vêm já desde o IV Governo Provisório.

6 — No entanto, os trabalhadores colocaram-se numa posição de total recusa da aceitação das propostas do Ministério, pelo que este teve de determinar a selagem das instalações da empresa, pondo cobro, pois, a uma situação de completa ilegalidade.

Para finalizar, esclarece-se que os trabalhadores comunicaram ao Ministério que se tinham constituído em cooperativas (Coodiproal), o que não levanta qualquer objecção, desde que essa cooperativa não se vá servir das instalações e dos bens que são parte da entidade patronal da empresa de supermercados «O Mealheiro do Lar».

7 — O Ministério do Trabalho espera agora que os trabalhadores reflitam nas posições que alguns incorrecta e demagogicamente assumiram e chama a atenção para a necessidade de defenderem os seus interesses, livres de qualquer manipulação.

O Ministério do Trabalho está disposto a colaborar com os trabalhadores no sentido de lhes garantir o direito ao trabalho e ao controlo de gestão, sem prejuízo da legalidade.

Os trabalhadores consideram que aquele comunicado, contém falsidades, e que é necessário desmascarar-lhes perante todos os trabalhadores do país, para que estes não se iludam com aquele Ministério, fizeram um comunicado resposta o qual transcrevemos:

3 Sr. ministro, nós trabalhadores da CODIPROL; ex-Supermercados Mealheiro do Lar, repudiamos vivamente a nota emanada desse Ministério, pois os factos evidentes não são nela denunciados. Os trabalhadores não ocuparam as instalações dos Supermercados Mealheiro do Lar de forma violenta, mas sim com toda a justiça que lhe confere o relato completo.

Quando a nota oficiosa diz que a entidade patronal não estava em condições de solver compromissos por falta de disponibilidade, mas sim por afastamento da mesma; parece esse Ministério desconhecer que a ocupação se procedeu depois das 18h., e estando marcados pagamentos a fornecedores na ordem dos 400 a 500 contos para esse mesmo dia, esses não foram efectuados mas sim adiados para o dia 25 de Junho?

Desconhece o sr. Ministro que a entidade patronal passou cheques sem cobertura nesse mesmo dia, e que alguns até se encontram em processo na Judicatura?

Onde estava a disponibilidade? Desconhece o sr. ministro que não era uma empregada despedida mas sim duas, tendo já sido despedidos tantos outros?

Desconhece o sr. ministro que se fomentava a divisão entre os trabalhadores por formas intimidatórias, arranjando assinaturas desonestamente, para assim satisfazer os seus interesses?

Desconhece o sr. ministro, que o «stock» de mercadorias estava a baixar vovozmente, e a reposição podia não vir a verificar-se?

Tenha paciência sr. ministro, as verdades são para se dizer, sim as verdades não as demagogias?

Saberá o sr. ministro que na altura da ocupação os ordenados eram de 1500\$00/1900\$00, 2400\$00 e 3300\$00 na maioria e que o Contrato Colectivo de Trabalho era de 4500\$00, desde Dezembro, e ainda mais, o ordenado mínimo nacional desde 1974 era de 3300\$00, e nada disto era cumprido?

Desconhece o sr. ministro que os patrões influenciavam alguns trabalhadores a roubar os clientes? Será isto um negócio honesto? Será isto que nós queremos no nosso Portugal para recuperar a economia nacional para bem de todo o Povo Português?

Não sr. ministro, não é assim, pois não devemos consentir que parasitas continuem a viver neste país só queremos justiça para os trabalhadores deste país.

Sabe o sr. ministro que o desvio de fundos feito pelo patrão não se cifra em 100 contos, mas em algumas centenas, conforme documentos que lhe enviamos, pois só de uma vez foi passado um cheque de 260 contos para pagar a renda do cinema Lumiar que é explorado pelos mesmos senhores.

Sabe o sr. ministro que estes senhores tinham uma cadeia de supermercados em Moçambique onde exploraram os nossos irmãos e que ficaram a dever 1900 contos às Finanças conforme documento que temos em nosso poder, portanto o dinheiro nunca foi nem será paquistanês.

Sabe o sr. ministro que dos 3000 contos realizados por empréstimo da Banca, foram pagos 600 contos, produto do nosso trabalho?

Sabe tudo isto sr. ministro? Ou pretende ignorar? Mas por favor não prejudique os trabalhadores, deixe que os trabalhadores se livrem da exploração; não seja esquecido não deixe estragar mais produtos que tanta falta fazem ao povo, desselando imediatamente as portas para que os trabalhadores possam continuar a garantir o pão para os seus filhos e a servir o povo em geral para bem da economia nacional e do Povo português.

Que o programa do M.F.A. não seja traído! Sem mais, sr. ministro, saudações revolucionárias

CODIPROL

LISBOA DE FEVEREIRO 1976



Manifesto dos trabalhadores da TAP

Com o 25 de Novembro consumou-se o que as forças de direita há muito vinham pretendendo: o afastamento dos órgãos do Poder militar dos oficiais revolucionários. Abriu-se, deste modo, a porta para o aniquilamento das estruturas democráticas que existiam nas F. A., e consequentemente para a recuperação do aparelho militar para a protecção dos interesses de quem sempre estiveram dependentes: da grande burguesia, do colonialismo e do fascismo.

A situação é hoje tão clara que mesmo os mais moderados são obrigados a admitir o avanço das forças reaccionárias, não sendo de admirar que homens que contribuíram para o afastamento dos oficiais revolucionários, vejam hoje as suas próprias posições em perigo.

Simultaneamente assiste-se ao reverter das acções dos fascistas do E. L. P./M. D. L. P. que mais não são do que expressão clandestina de partidos legalizados. Tais acções que tem visado os partidos de esquerda e as organizações dos trabalhadores tem por objectivos, por um lado intimidar os trabalhadores e as suas organizações para deixarem o campo livre à direita e por outro, criar um clima psicológico nas massas que as leve a aceitar ou mesmo desejar, tal como em 1926, um regime de força, baseado na disciplina irracional, ou seja uma ditadura fascista.

Também na TAP se reflecte o avanço das forças reaccionárias, aparecendo hoje como normal; o que há meses atrás parecia impossível, ou seja a expressão organizada dessas forças através de cartazes e comunicados. A situação é tão clara, que são partidos como o P. P. D. e o C. D. S. a afirmar que só agora se apresentam em virtude de só agora haver «condições democráticas». Ninguém ousaria a propor há meses atrás que o fascista Sá Carneiro viesse «esclarecer» os trabalhadores da TAP. No entanto ele veio e, por estranho que pareça, a convite da Comissão de Trabalhadores. Curiosamente, também hoje os elementos que mais se comprometeram com o fascismo; levantam a cabeça com arrogancia, não escondendo mesmo, a vontade que tem em voltar a utilizar os métodos repressivos que tristemente os tornaram notados.

Neste contexto ganha uma importância especial a aproximação e entendimento de todos os trabalhadores que, militando ou não em organizações progressistas, tenham sinceras ideias revolucionárias. Para tal, há que afastar todo e qualquer sinal de sectarismo, que mais não serve do que para dividir os trabalhadores e afastá-los do que no fundo é essencial para todos: a construção da SOCIEDADE SOCIALISTA.

É nesta perspectiva que surge a Organização de Luta Antifascista dos Trabalhadores da TAP, com vista a aglutinar todos os antifascistas da TAP e a constituir deste modo uma barreira contra o avanço do fascismo.

Os objectivos porque nos propomos lutar são para já, os seguintes: LUTAR CONTRA OS SANEAMENTOS E DISCRIMINAÇÕES À ESQUERDA; todos sabemos que hoje, a todos os níveis se pretendem agastar ou sanear os trabalhadores que mais consciencia tem demonstrado na luta; também na TAP essas tentativas aparecerão, mais tarde ou mais cedo. É contra tais tentativas que lutaremos. Ao mesmo tempo, apoiaremos militantemente todos os trabalhadores que noutras empresas sejam vítimas da repressão patronal.

LUTAR CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA, O CONGELAMENTO DA CONTRATAÇÃO COLECTIVA E OS DESPEDITOS EM MASSA.

O congelamento da contratação colectiva e o brutal aumento do custo de vida, ao mesmo tempo que se anuncia o regresso a Portugal dos Champilaud, dos Melos, e doutros vampiros do Povo Português, só pode significar que a recuperação capitalista está em marcha no nosso país.

Tais medidas, já eram correntes no tempo do fascismo e contra elas já os trabalhadores sabiam unir-se e adoptar as formas de luta mais adequadas. Também agora o mesmo se torna necessário para conseguirem descongelar a contratação colectiva, anular o aumento do custo de vida e impedir os despedimentos em massa. Se tal não acontecer, é a mais negra exploração que nos espera, ou seja, o fascismo.

APOIAR A LUTA PELA LIBERTAÇÃO DOS ANTIFASCISTAS E REVOLUCIONÁRIOS.

É esta uma importante frente de luta, pois os trabalhadores não se podem esquecer que os homens que hoje estão presos, representam a maioria dos que fizeram o 25 de Abril e contribuíram desse modo para o derube da ditadura de Salazar e Caetano. São também aqueles que ao longo destes meses mais consequentemente se colocaram ao lado do povo português.

DESENVOLVER E APOIAR TODAS AS FORMAS DE LUTA JULGADAS NECESSÁRIAS CONTRA O AVANÇO DO FASCISMO E PELO SEU ANIQUILAMENTO.

Só pela organização e luta conseguiremos construir a barreira que se operará ao avanço do fascismo e ao seu aniquilamento. Para tal são todas as formas de organização e de luta importantes. Não seremos por iss-

sectários ao ponto de só apoiarmos as acções desencadeadas por nós. Estamos, dispostos a apoiar todas as acções que contribuam por pouco que seja, para o combate ao fascismo.

CONTRA O FASCISMO UNIDADE E ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES

O Secretariado Provisório da ORGANIZAÇÃO DE LUTA ANTIFASCISTA DOS TRABALHADORES DA TAP



CAÇA AO VOTO

Para os partidos burgueses-eleitorais já abriu a caça ao voto.

A coberto de pretensas «recolhas de fundos» a organização do PS na Amadora não teve relutâncias em colar os seus cartazes sobre outros cartazes apelando para a libertação dos revolucionários e antifascistas presos e alertando as massas trabalhadoras para o aumento do custo de vida, para o desemprego e para a repressão que está a ser exercida sobre as classes trabalhadoras — tudo isto fizeram os senhores do PS em nome dos trabalhadores, da «democracia» e da «liberdade», como afirmaram no próprio local.

Que raio de «recolha de fundos» pretende fazer o PS, quando a campanha que lança para o efeito gasta largas centenas de contos? Será que o senhor Kissinger não lhes abonou algum?

Não nos iludamos, camaradas. O que o PS pretende não é recolher fun-

dos, mas sim antecipar a sua campanha eleitoral, desviando a atenção dos trabalhadores dos seus reais problemas.

Esta organização, que agora tapa cartazes alertando os trabalhadores para problemas que sentem no dia a dia (repressão, aumento do custo de vida, desemprego, etc.), é a mesma que, apoiada por PPD's e CDS's, promoveu uma manifestação de apoio ao Regimento de Comandos e ao fascista Jaime Neves.

Não se trata de uma simples «luta de cola-cartazes», mas sim do reflexo da luta de classes. Os que se dizem representantes do socialismo, não são mais que os representantes do capitalismo internacional.

A classe trabalhadora saberá responder com a sua organização às provocações dos partidos burgueses.

11/2/76

Direcção Local da Amadora do PRP

**PARTICIPAÇÃO
DOS LEITORES**

O papel dos tecnocratas

Camaradas,

Como contribuição para um debate teórico que espero seja aprofundado pelo «Revolução» venho aqui expor certas teses que me parecem fundamentais sobre uma classe social — a tecnocracia — no respeitante à sua origem e papel histórico. Isto parece-me tanto mais importante quanto este assunto tem sido pouco estudado e deturpado.

NOÇÕES GERAIS

A confusão entre o capitalismo como modo de produção é uma forma particular de realização desse mesmo capitalismo constituído ao nível ideológico a contradição do movimento operário. Daqui resulta que os proletários lutam exclusivamente contra uma forma determinada do capitalismo (o chamado capitalismo monopolista de Estado) quando o seu objectivo histórico é o de lutarem contra a generalidade do modo de produção capitalista (e portanto contra o capitalismo de Estado monopolista cuja versão os países ditos socialistas — sem excepção — nos mostram).

Tal contradição revela-se de modo muito claro nas tentativas repetidas de desenvolvimento da alternativa revolucionária com base em organizações de tipo leninista.

A TECNOCRACIA E O SEU PAPEL HISTÓRICO

Ao longo da realização do capitalismo, os interesses que determinadas camadas sociais desenvolvem entram em contradição com os interesses de outras. Assim, existe uma contradição de interesses entre a generalidade dos proprietários das pequenas unidades de produção, e os proprietários daquelas unidades que ascendem com a concentração de capitais.

Porém, dado que a realização capitalista em monopólios exige grandes somas de capitais (donde a predominância de sociedades por acções) verificação de sociedades por acções) verifica-se que o controlo das empresas é tal que implica o **completo afastamento dos proprietários dos meios de produção relativamente ao processo de produção.**

Explicando melhor poder-se-á dizer que, enquanto:

1) a mecanização (1.ª revolução industrial) separou o produtor do meio de produção;

2) a automatização (2.ª revolução industrial) separou-o do processo de produção.

Ora, esta separação, cada vez mais alienante relativamente ao processo de trabalho, cria um vazio impossível de não ser preenchido. É a **tecnocracia quem a preenche**, e é aqui que entra uma outra contradição entre camadas sociais. Quer dizer, a tecnocracia que se desenvolve tanto as suas condições de existência (através da importância crescente das condições tecnológicas) como o seu papel na produção tornou-se no decorrer dos últimos anos autónoma, independente em relação aos proprietários privados que se convertem numa camada parasitária e dispensável no aspecto económico.

Claro que na fase de capitalismo tipo ocidental, as pesadas contradições que os caracterizam não deixa de haver uma solidariedade activa de interesses entre proprietários monopolistas e a classe tecnocrática com o crescente poderio.

Já Marx e outros tinham descoberto no século XIX que o capitalismo tinha chegado ao estágio em que o trabalho de alta direcção separado da propriedade do capital era coisa que já se notava. Marx escreveu mesmo sobre a «constituição de uma numerosa classe de directores industriais e comerciais» (O Capital).

Mas naquele tempo estas estruturas estavam ainda tão subdesenvolvidas pelo que não é de admirar que Marx não tenha estudado a fundo.

Estamos pois no ponto crucial, isto é, qual a relação entre tudo isto e o movimento operário? Caimos inevitavelmente na revolução russa como a resolução negativa da contradição do movimento operário.

Com efeito, no princípio do século XX a concentração da propriedade não havia ainda tomado as formas que hoje conhecemos e por isso, embora a ruptura entre tecnocratas e os proprietários já fosse adiantada, a tecnocracia não atingira um poder social que lhe permitisse afirmar-se autonomamente e desencadear uma luta política de que resultasse a concen-

tração tanto da gestão como da propriedade nas suas mãos. Mas se ela era incapaz de tudo isso, mostrou-se capaz de **CONDUZIR EM SEU PROVEITO** uma revolução operária desencadeada autonomamente em Outubro de 1917. A Revolução continua assim a dar-nos a ideia de que ainda foi muito pouco aprofundada e já ainda, a aprender muito com ela.

Assim, o grupo «verdade operária» nascido em 1921 na Rússia atingiu determinada consciencia teórica que constitui o ponto máximo a que o proletariado russo chegou. Para ele, a nova burguesia dominante na Rússia, resultava da fusão da tecnocracia e dos Nepum (os capitalistas comerciais da NEP), que ascendia edificando o seu regime económico — o capitalismo de Estado — e tendo como principal instituição política, o partido bolchevique. A confirmar esta interpretação note-se o facto de após Outubro, «milhares de pessoas que pela sua cultura e tradições estavam mais ou menos ligadas à burguesia expropriada, encontraram a oportunidade de retomar a sua função de dirigentes do processo de trabalho, infiltrando-se em massa no partido ou cooperando com ele, aplaudindo cinicamente cada frase de Lenine e Trotsky sobre a disciplina do trabalho» ou sobre a «direcção por um único homem». Em breve foram nomeados em grande número (**pela cúpula**) para os postos dirigentes da economia fundindo-se muito rapidamente com a nova elite político-administrativa.» (1)

Desta maneira a tecnocracia retomou e reforçou as posições dominantes nas relações de produção. Este facto leva-nos a concluir que: a passagem ao capitalismo de Estado monopolista não se devem a uma degenerescência interna do movimento operário (a ambição, o mando, e a corrupção do poder) como alguns pretendem, mas sim à tecnocracia, como classe social que se reproduz em burguesia de Estado.

Donde, a ambiguidade do termo burocracia que não exprime com clareza a natureza da classe em questão, a tecnocracia como conjunto de indivíduos que organizam as condições gerais de produção e que **dominam** as técnicas dos meios e dos proces-

sos de trabalho e da gestão da produção.

GESTÃO OPERÁRIA

A visão da tecnocracia como classe social portadora da nova fase do capitalismo deverá encaminhar o movimento operário à ultrapassagem prática da sua contradição encetando uma **luta radial**, de modo a criar as instituições que permitam a fusão do político no económico e a destruição radial das relações de produção capitalistas — caracterizadas essencialmente pelo facto dos produtores estarem subordinados aos que dirigem o processo de produção.

A «gestão operária da produção como condição da realização do comunismo e os Conselhos Operários como instituição dessa realização são portanto a **única alternativa radial**.

O proletariado para se emancipar, terá de **gerir ele próprio** a sociedade, tomar por si mesmo as decisões, e não contentar-se em controlar ou seja, de inspecionar, de verificar as decisões **tomadas por outrém** (claro da tecnocracia...).

Certamente que os Conselhos Operários necessitarão de conhecimentos especializados, de natureza técnica, (deve dizer-se que, nos tempos de hoje, se vão emcontrando no terreno do proletariado). Porém, não há razão para que o saber, em si mesmo, de a quem quer que seja o direito de tomar decisões ou de gozar de benefícios materiais. Nesta ordem de ideias, a ditadura do proletariado terá de submeter ao seu poder, a tecnocracia, tomando esta um carácter consultivo.

Só assim, o proletariado poderá superar as relações autoritárias entre dirigentes-executantes na produção, de modo a transformar a sociedade e edificar um mundo novo e livre onde toda e qualquer hierarquia seja banida do nosso quotidiano.

A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES É OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES:

(1) — Maurice Brinton em (Bolcheviques e o Controlo Operário).

NOTA: Uma obra na qual estas questões e outras respeitantes ao movimento operário estão de certo modo aprofundadas é «Para um modo de produção comunista», de João Bernardo.

CONSCIÊNCIA DE CLASSE E CONTESTAÇÃO

1. O processo de luta de classes que estamos a assistir em Portugal é um exemplo flagrante de como a situação objectiva do proletariado (situação de explorado) se desenvolve dialécticamente com evolução da sua consciência de classe. Vem simultaneamente mostrar o carácter não científico da concepção filosófica que opõe a matéria à ideologia (sendo esta como mero reflexo daquela). Na realidade, é a formação da consciência de classe do proletariado, a partir de uma situação de alienação deste, que o leva a lutar contra esta situação e a criar formas autónomas de luta, quando se põem os problemas relativos à maneira de efectuar esse combate, desenvolve-se na classe operária o que só ela está apta a reconhecer porque não está presa ao imediatismo de classe não é portanto importada do exterior resultante da ciência de classe não é portanto importada do exterior resultante da ciência burguesa como sendo «coisa-em-si» que alguns intelectuais detêm nas mãos, mas é sim um processo decorrente de uma situação de exploração e de alienação e das formas de acabar com ela.

É por isso que a luta autónoma da classe operária é importante porque ela implica hoje não só o reconhecimento da necessidade da luta contra o sistema capitalista e a burguesia, mas também contra as direcções operárias que se tor-

naram um freio burocrático para a revolução.

A classe operária aceitou essas direcções na primeira fase do movimento operário na medida em que ela tinha necessidade de lutar pela melhoria das condições de vida e necessitava de aparelhos dotados de características de pressão (disciplina autoritária, burocracia, etc.) contra o Estado burguês. Mas, com o final da segunda guerra imperialista, quando a burguesia pôs ordem no dia a dia da reconstrução do sistema capitalista, tornou-se claro o compromisso das direcções operárias com esse intento anti-socialista. A partir daí, o proletariado rompeu definitivamente com o projecto burocrático da organização através do partido como vanguarda e passou a desenvolver formas autónomas de combate que punham em cheque tanto o capitalismo como o reformismo. Surgem as experiências da Hungria de 56, Maio de 68, Polónia de 72, e surgem em plena actualidade as teses referentes aos conselhos operários de Rosa Luxemburgo e Anton Pannekoek.

Hoje em Portugal, ao mesmo tempo que a burguesia procura reestruturar o seu sistema, nota-se igualmente o compromisso dos partidos reformistas e a capacidade que a classe operária tem dado ao levar por diante um programa de luta anticapitalista e antiburocrático. Surge assim espontaneamente

e não a partir de modelos pré-fabricados mais ou menos rígidos. Daí o fracasso inevitável de todas as tentativas de impor à classe vias que, no fundo, não servem verdadeiramente os seus interesses.

A FORÇA DA IDEOLOGIA BURGUESA

2. Muitos são os revolucionários que se interrogam sobre a razão da existência de largas bases operárias iludidas pela linha reformista. As explicações com esse intento não chegam a ser explicações, ao afirmarem que «estão enganadas» pelos sociais-traidores. O que, naturalmente, não nos diz nada. Como também não justifica o facto de a subida de Hitler, com o livre acordo de praticamente de todo o proletariado alemão, dizer-se que a social-democracia o traiu quando esse é precisamente o seu papel. A razão de uma consciência de classe desaturada é muito mais profunda e muito mais complicada não se satisfazendo com explicações simplistas.

Na Alemanha pré-fascista, hoje em Portugal, como em outras situações históricas a origem do fenómeno está no poder material que a ideologia burguesa tem em todos os seus aspectos e que leva bases enganadas a agir de acordo com as suas premissas. Não



só com toda a propaganda anticapitalista dos seus meios de informação, como também na introdução de estruturas repressivas na mente de cada explorado, na manipulação psicológica dos factos. Não é por acaso que Soares e os seus acólitos se lamentavam do facto de a R. R. e de o R. C. P. terem enterrado definitivamente superestruturas (culturais e outras) que subjuguavam o povo na sua maneira de agir e pensar (o fado, a religião, o teatro «folhinesco» que servem para dar a ilusão da sobreposição do herói, com o explorado). Repare-se também no impacto que tiveram na opinião pública as lágrimas de crocodilo de Soares no funeral dos comandos...

A existência de explorados ao lado dos exploradores, sem os quais a revolução não é possível deve-se ao facto de a ideologia burguesa penetrar nas classes exploradas de forma que as impede de reconhecerem a sua situação e tomarem posição ao lado da vanguarda revolucionária; de os ideólogos da burguesia sabermos tirar óptimo partido das misérias das massas, impulsionando-as para estados de fanatismo, lutas partidárias, autoritarismo burocrático, etc., de incapacidade de as organizações revolucionárias desbloquearem ideologicamente os referidos sectores.

UM ESTILO DE VIDA PROLETÁRIA

3. Inúmeras situações históricas relacionadas com o movimento operário têm demonstrado que determinadas condições não houve na realidade um combate contra a classe dominante em todas as suas frentes (económica, política, ideológica, cultural, sexual, etc.). O derrube da situação de opressão capitalista vai muito além do que a simples política estruturalista; passava também pela desmistificação da ideologia e moral burguesas, pela criação de um estilo de vida proletária. «Qualquer partido revolucionário encontra em primeiro lugar apoio na geração jovem da classe operária (Trotsky «A Revolução Traída»). Realmente, a juventude é sem dúvida a vanguarda

da luta anticapitalista porque ela concentra em si as maiores energias e é afectada por uma repressão mais vasta. Mas a maior parte da juventude operária não está organizada politicamente. Só há uma explicação: a consciencialização dos seus problemas tem sido sistematicamente esquecida pela vanguarda revolucionária. Qual a razão deste deplorável fenómeno?

Em entrevista concedida à «Flama», alguns meses atrás, a camarada Isabel do Carmo «justificou» a inexistência de uma política cultural e sexual por parte do P. R. P. através de dois argumentos: 1. No P. R. P., as relações de camaradagem entre os dois sexos são correctas sem sombras de machismo; 2. A conturbada situação da altura impedia o partido de se debruçar sobre estas questões. Se o facto apontado em primeiro lugar é de louvar, o segundo escapa à compreensão se tivermos em conta o que anteriormente ficou dito sobre o bloqueio a todos os níveis sobre largos sectores da classe.

Neste momento, creio que é muito importante não esquecermos que o domínio da burguesia não aumenta só sobre a exploração capitalista, nem a luta da classe operária sobre o combate político, coisa que 60 números do «Revolução» quase não deram a entender. A esquerda revolucionária portuguesa está a repetir sistematicamente os mesmos erros que a esquerda alemã da década de 30 cometeu.

Notamos com preocupação o cansaço psicológico das massas oprimidas, o partido que dele tira a direita com as suas promessas de «paz» e «amor»; a espectacular imobilidade das organizações com responsabilidades na luta (anti-capitalista, teimosamente apostadas em continuar a não compreender esse facto, o que pode ser fatal. Há a organização popular. É verdade. Mas também há o fanatismo, a miséria e o vazio da vida diária do trabalhador, os filmes pornográficos com gente operária a abarrotar. E o fascismo sabe-o muito bem.

ALARGAR A FRENTE DE COMBATE

Lenine tinha razão quando dizia que sem a maioria dos

trabalhadores a Revolução não é possível hoje em Portugal a maior parte da sua base social está com uma falsa consciência; e a esquerda revolucionária não percebe que não é com a luta política que a poder-se recuperar. Se bem que a história não se repita, tudo parece tirado a papel químico do processo alemão de 30-40 e as objecções feitas aos comunistas alemães por W. Reich em «Psicologia de massa do fascismo» poder-se-ão hoje por angustiosamente aos portugueses.

É necessário tomar como base de contestação, o oportunismo do trabalhador, particularmente do jovem operário, organizar o trabalho cultural no seio dos trabalhadores. Um operário não é um deus encarregado da gloriosa missão de lutar para acabar com a exploração mas um ser humano com uma série de pequenas-grandes misérias que o reduziu ao capitalismo. É só tê-las em consideração que se poderá contar com a sua importante função de salvar o género humano da degradação da «civilização cristã».

Neste sentido acho que o P. R. P., como partido operário responsável que é deve alargar a sua frente de combate. É urgente que se prepare essa luta de acordo com as características de que poderão servir como exemplo as seguintes:

1. Incluir no «Revolução» artigos sobre a repressão de quem é vítima a classe, particularmente a sua juventude (ideológica, cultural, sexual, etc.), podendo para essa função informativa servir jornais de parede, comunicados, etc.

2. Criar uma secção na UPEL que possa versar assuntos relacionados com este tema.

3. Fazer sessões de informação nos centros culturais dos bairros operários em que sejam livremente debatidas questões que afectam os trabalhadores como os problemas da contracepção, aborto, prostituição, educação sexual, etc.

Assim se criará uma frente cultural vermelha, a consciência histórica do proletariado. Pelo fim da alienação. Pelo COMUNISMO:

J. CARLOS

Ele virá «democraticamente» pela via eleitoral, como fez noutros lugares e noutras alturas da história.

Entre as armas usadas pelos revolucionários tem de estar a organização nos quartéis. Organização essa que não pode ser igual à que era feita antes do 25 de Novembro, quando numerosos oficiais do comando das unidades estavam em posição revolucionária, mas que tem que se adaptar às novas circunstâncias. O aparecimento dos SUV e as confrontações internas que eles tem provocado dentro dos quartéis é o sinal de que nada morreu nos soldados, de que tudo está ainda vivo e capaz de caminhar.

A reacção que os trabalhadores tem tido perante as investidas dos antigos patrões no caso de empresas ocupadas demonstra também que o osso vai ser difícil de roer para esses «retornados». Quando J. Pimenta anda por aí livremente a ameaçar que regressa à firma, e quem está preso em Custóias são dois membros da Comissão de Trabalhadores dessa empresa, é claro para toda a gente de que lado está o poder e quais são as suas intenções. Mas também fica demonstrado que os trabalhadores estão dispostos a responder.

A avançada legal do CDS vai descendo exactamente ao mesmo ritmo e pelos mesmos sítios que descem as bombas da direita. Coincidências...

Mas se os camponeses oprimidos do Centro e Norte do país despertarem e começarem a ver claro. Se os soldados e os operários persistirem, tornando sólida a sua organização. Se a unidade vencer o sectarismo e a desunião e se os trabalhadores se organizarem para exercer a violência sobre os seus opressores. Se todos estes dados se realizarem (a cada militante, a cada revolucionário, a cada trabalhador, compete po-lo em prática), a burguesia ainda há-de vir a ter dias muito negros neste país.

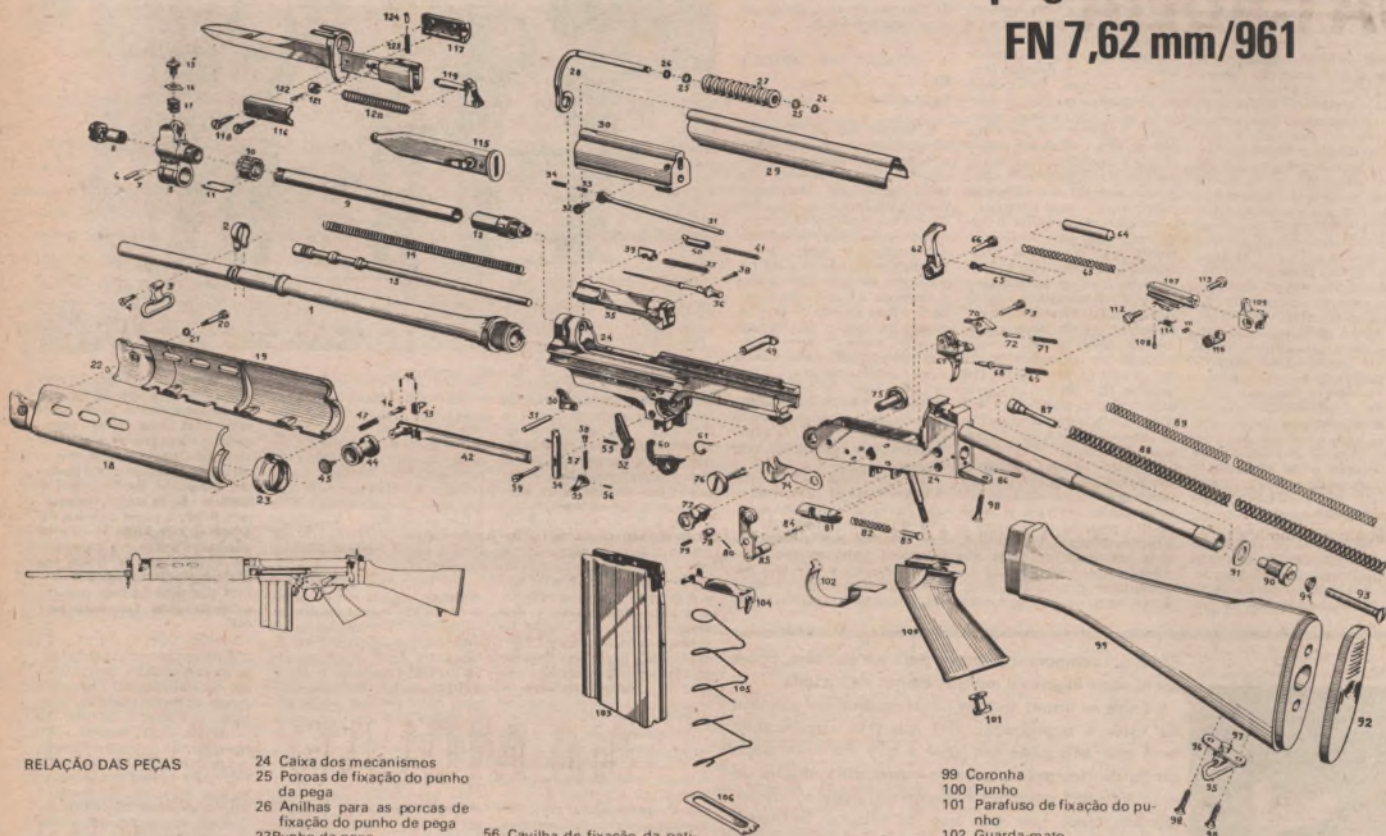
Continuação da pag. 16

EDITORIAL

A ARMA



Espingarda Automática FN 7,62 mm/961



RELAÇÃO DAS PEÇAS

- | | | | | |
|--|--|--|--|--|
| 1 Cano | 27 Punho da pega | 56 Cavilha de fixação da patilha do detentor; da culatra da culatra | 81 Fecho do fundo da caixa dos mecanismos | 677 Coronha |
| 2 Braçadeira do zarelho anterior da bandoleira | 28 Pega | 57 Mola do detentor da culatra | 82 Mola do fundo da caixa dos mecanismos | 100 Punho |
| 3 Zarelho anterior para a bandoleira | 29 Tampa da caixa dos mecanismos | 58 Embolo da mola do fixador da culatra | 83 Embolo da mola do fecho do fundo da caixa dos mecanismos | 101 Parafuso de fixação do punho |
| 4 Parafuso de fixação do zarelho anterior da bandoleira | 30 Armadura da culatra | 59 Parafuso eixo do fixador do carregador espera do detentor da culatra | 84 Cavilha de espera da mola do fecho do fundo da caixa dos mecanismos | 102 Guarda-mato |
| 5 Bloco de gases | 31 Haste de recuperação | 60 Detentor do cão | 85 Patilha do fecho do fundo da caixa dos mecanismos | 103 Caixa do carregador |
| 6 Cavilha de fixação do bloco de gases | 32 Cavilha-eixo da haste de recuperação | 61 Mola do detentor do cão | 86 Parafuso de detenção da patilha do fecho do fundo | 104 Mesa do transportador |
| 7 Cavilha de fixação do tubo do êmbolo | 33 Embolo da mola da haste de recuperação | 62 Cão | 87 Embolo das molas de recuperação | 105 Mola do transportador |
| 8 Tampa do bloco de gases | 34 Mola da haste de recuperação | 63 Mola do cão | 88 Mola exterior de recuperação | 106 Fundo do carregado |
| 9 Tubo do êmbolo | 35 Culatra | 64 Tubo do eixo do mola da mola do cão | 89 Mola interior de recuperação | 107 Corpo da alça |
| 10 Anel regulador de gases | 36 Percutor | 65 Embolo da mola do cão | 90 Parafuso espera das molas de recuperação | 108 Detentor do cursor da alça |
| 12 Manga de fixação do tubo do êmbolo | 37 Mola do percutor | 66 Cavilha-eixo do cão | 91 Anilha do parafuso espera das molas de recuperação | 109 Cursor da alça |
| 13 Êmbolo | 38 Cavilha de fixação do percutor | 67 Gatilho | 92 Chapa de couce | 110 Fixador do cursor da alça |
| 14 Mola do êmbolo | 39 Extractor | 68 Embolo da mola do gatilho | 93 Parafuso de fixação da chapa de couce | 111 Mola dofixador do cursor da alça |
| 15 Ponto de mira | 40 Detentor do extractor | 69 Mola do gatilho | 94 Anilha do parafuso de fixação da chapa de couce | 112 Parafuso de regulação da alça (esquerda) |
| 16 Cliquet do ponto de mira | 41 Mola do detentor do extractor | 70 Armador | 95 Zarelho posterior para a bandoleira | 113 Parafuso de regulação da alça (direita) |
| 17 Mola do ponto de mira | 42 Manobrador | 71 Mola do manobrador | 96 Base do zarelho posterior para a bandoleira | 114 Mola limitadora dos parafusos de regulação |
| 18 Guarda-mão (lado esquerdo) | 43 Limitador do manobrador | 72 Embolo do mola do armador | 97 Cavilha de fixação do zarelho posterior para a bandoleira | 115 Bainha do sabre |
| 19 Guarda-mão (lado direito) | 44 Punho do manobrador | 73 Cavilha-eixo do gatilho e armador | 98 Parafuso de fixação da base do zarelho posterior para a bandoleira e parafuso de fixação da coronha | 116 Platina esquerda |
| 20 Parafuso de fixação do guarda-mão | 45 Rebite de fixação do punho do manobrador | 74 Placa de retenção dos eixos | | 117 Platina direita |
| 21 anilha para parafuso de fixação do guarda-mão | 46 Fixador do manobrador | 75 Eixo do fundo da caixa dos mecanismos | | 118 Parafusos de fixação das platinas |
| 22 Ilhos (esquerda e direita) para o parafuso de fixação do guarda-mão | 47 Mola do fixador do manobrador | 76 Parafusado eixo do fundo da caixa dos mecanismos | | 119 Fixador do sabre |
| 23 Anel de fixação do guarda-mão | 48 Cavilhas de fixação do limitador e do fixador do manobrador | 77 Patilha do comutador de tiro e segurança | | 120 Mola do dispositivo de elasticidade |
| | 49 Travador da culatra | 78 Fixador da patilha do comutador de tiro e segurança | | 121 Cabeça do dispositivo de elasticidade |
| | 50 Ejector | 79 Mola do fixador da patilha do comutador de tiro e segurança | | 122 Cavilha de fixação da cabeça do dispositivo de elasticidade |
| | 51 Cavilha de fixação do ejector | 80 Cavilha de fixação do fixador da patilha do comutador de tiro e segurança | | 123 Mola do fixador do sabre |
| | 52 Fixador do carregador | | | 124 Embolo da mola do fixador do sabre |
| | 53 Mola do fixador do carregador | | | 125 Cano reforçado |
| | 54 Mola do fixador do carregador | | | 126 Tapa-chamas |
| | 55 Detentor da culatra | | | 127 Anilha de fixação do tapa-chamas |
| | 56 Patilha do detentor da culatra | | | 128 Cavilha de fixação da anilha de fixação do tapa-chamas |
| | | | | 129 Mola de ajustamento do bipe ao tapa-chamas |
| | | | | 130 Anel limitador do movimento do bipe |
| | | | | 131 Pega |
| | | | | 132 Punho da pega |
| | | | | 133 Mola de fixação do anel re- pega |
| | | | | 134 Anilha da mola para detenção do punho da pega |
| | | | | 135 Guarda-mão |
| | | | | 136 Anel aberto para a fixação anterior do guarda-mão |
| | | | | 137 Placa laminar exterior para fixação do guarda-mão |
| | | | | 138 Mola laminar interior da fixação do guarda-mão |
| | | | | 139 Rebite para a mola laminar interior |
| | | | | 140 Braçadeira do zarelho anterior para a bandoleira |
| | | | | 141 Cavilha de fixação da braçadeira do zarelho anterior para a braçadeira |
| | | | | 142 Bloco de gases |
| | | | | 143 Olla de fixação do anel regulador dos gases |
| | | | | 144 Anel de fixação posterior do guarda-mão |
| | | | | 145 Coronha |
| | | | | 146 Chapa do couce |
| | | | | 147 Apoio para o ombro |
| | | | | 148 Munhão do apoio do ombro |
| | | | | 149 Parafuso de fixação da chapa de couce |
| | | | | 150 Cavilha eixo do apoio do ombro |
| | | | | 151 Parte posterior do êmbolo da mola do apoio do ombro |
| | | | | 152 Parte anterior do êmbolo da mola do apoio do ombro |

C.L.A.R.P. ARRANQUEMOS OTELO E TODOS OS ANTIFASCISTAS DA CADEIA

Preparemos activamente a manifestação popular do dia 20

1 — Detidos desde o 25 de Novembro, os militares revolucionários e antifascistas que derrubaram o fascismo, é o povo que hoje se sente sem um dos principais apoios, sem um dos seus principais aliados.

Prenderem o general Oteio, um dos principais responsáveis do 25 de Abril, não é só um insulto e uma provocação sem nome a todos os democratas e antifascistas, mas o grande passo para fazer regressar o país ao 24 de Abril de 74.

2 — O terrorismo avança em todo o país; em grandes regiões da província e das Ilhas, as liberdades democráticas são uma farsa nas fábricas, nos locais de trabalho, os patrões preparam-se para o regresso, ameaçam e intimidam; os senhorios lançam mão dos tribunais e exigem o despejo de moradores e ocupantes; logo após o 25 de Novembro, entraram nos tribunais judiciais dezenas de milhares de acções de despejo — em Setúbal, cerca de mil famílias estão ameaçadas de ficarem sem tecto; em Linda-a-Velha, o único caso de despejo diz respeito a 300 trabalhadores — e a lista soma e segue...

Entretanto, o Governo retira as credências ou cria dificuldades insustentáveis às empresas sob gestão ou sob controlo operário; entretanto, é formada uma comissão destinada a ilegalizar as ocupações de prédios urbanos devolutos; entretanto, o Governo cede claramente às exigências dos grandes agrários; entretanto, o Governo congela os salários e numa tentativa encapada de reorganizar a economia capitalista, prontifica-se a declarar a falência administrativa de empresas controladas por trabalhadores; entretanto, os grandes servidores do regime antigo voltam a entrar para os jornais, para a rádio e para a TV.

Mas, há mais: enquanto, caluniosamente, certos responsáveis do poder afirmam que as armas utilizadas na vaga de assaltos à mão armada foram fornecidas por militares revolucionários, nada fazem para travar a vaga de terror fascista que, esse sim, prova à evidência que os fascistas estão armados e não hesitam em recorrer a uma violência, ao assassinio, ao novo Chile.

Mas há nas organizações populares, nas linhas populares nas cooperativas agrícolas, que se fazem buscas, rusgas

e intimidações à boa maneira colonialista-fascista dos cercos às tabancas e aldeamentos africanos.

3 — Tudo isto, só hoje é que é possível porque os soldados e marinheiros que se colocaram decididamente ao lado do povo foram encarcerados, saneados e injuriados, ao mesmo tempo que se libertavam os pides e fascistas e se colocavam reaccionários em postos de comando e se dava o primeiro passo no sentido de transformar as F.A. num corpo de mercenários. Perante isto, só nos resta um caminho:

Lutar decididamente pela libertação imediata e incondicional dos antifascistas e revolucionários presos

Esta é a razão de ser o CLARP (Comité para a Libertação dos Antifascistas e Revolucionários Presos), estrutura ampla e unitária a que podem pertencer todas as organizações de trabalhadores e moradores, sindicatos, cooperativas e organizações anti-fascistas, bem como todos quantos, individual ou colectivamente, tenham dado provas firmes na luta contra o fascismo e a direita, isto é, de uma forma consequente, sem conciliação de espécie alguma com qualquer dos

O CLARP, a cujo manifesto já aderiram, entre outros, a AEPPI, o Movimento Cristão para o Socialismo, os trabalhadores expulsos do Rádio Renascença de Lisboa, a Pró-FAPIR, Sindicatos (Rodoviários de Setúbal, Têxteis do Sul) e antifascistas, de várias tendências, considera que a luta pela libertação dos presos de 25 de Novembro é apenas uma parcela da luta geral do povo português contra a repressão e o fascismo. O CLARP afirma muito claramente:

Lutar pela libertação dos antifascistas e revolucionários presos, é levantar as massas populares contra a repressão, é lutar contra o fascismo que nos ameaça cada vez mais; nesta luta é, afinal, o destino do povo português que está em causa, se vacilarmos seremos esmagados e, por isso nela não há lugar para forma nenhuma de conciliação ou hesitação, que só têm aberto o caminho ao inimigo.

A reunião efectuada em 6/2/76 entre o CLARP e Comissões de Trabalhadores, Comissões de Moradores, Órgãos de Vontade Popular, Sindicatos e organizações democráticas, lançou as bases de uma grande jornada de luta nas ruas, a realizar-se no próximo dia 20. Essa manifestação se-

rá preparada numa reunião definitiva com todas as estruturas empenhadas na luta pela libertação dos presos de 25 de Novembro e que estejam de acordo com as propostas de luta do CLARP, reunião essa que se realizará no anfiteatro do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (Av. do Brasil), no próximo dia 12, Quinta-feira, pelas 21 h

4 — O CLARP apela a todos os trabalhadores e moradores para que comecem desde já a fazer propaganda, portados os meios, da luta pela libertação dos presos anti-fascistas e revolucionários, que façam aprovar moções exigindo a sua libertação, que lutem dentro dos seus Sindicatos, C. Ts e C. Ms, para que esses organismos apoiem activamente a manifestação do dia 20, em suma, para que façam desta manifestação uma importante vitória do Povo sobre a repressão e o fascismo.

Palavras de ordem-base para a manifestação que parte do Terreiro do Paço, às 19,30 horas do dia 20:

- Liberdade para Oteio e todos os revolucionários!
- J — O povo não quer mercenários nos quartéis!
- J — Morte ao fascismo e a quem o apoiar!
- Fascistas para a cadeia, revolucionários cá para fora!
- J — Fim, já, ao terrorismo fascista!
- Lutar contra a repressão é lutar contra o fascismo!
- J — Contra a repressão, contra o fascismo, ofensiva popular!
- Desmascaremos o 25 de Novembro!

9/2/76

O Executivo do CLARP

Comité para a Libertação dos Antifascistas e Revolucionários Presos

A GREVE NA MOLAFLEX

A propósito da luta travada na Molaflex, a respectiva célula do PRP emitiu o seguinte comunicado:

«A nossa longa luta pelo cumprimento do Contrato Colectivo de Trabalho é justa e só unidos poderemos vencer o fascista Rui Moreira e seus lacaios.

Ao lutarmos por melhores condições de vida estamos a lutar pela transformação desta sociedade que nos oprime, senão vejamos: ao aumentarem os preços dos produtos que precisamos para viver os capitalistas comem-nos os aumentos de salários e assim voltaremos a viver em péssimas condições; ao ficarem com a maior parte do valor que produzimos os capitalistas e o Governo seu representante privam-nos de termos hospitais, alimentação e habitação com um mínimo de condições humanas.

Contudo, o que existe nesta sociedade é fruto do nosso trabalho, do trabalho dos nossos pais e dos nossos avós e para acabar com a injustiça de que somos vítimas teremos que transformar esta sociedade

onde uns têm tudo e nada produzem e os que tudo produzem nada têm, numa sociedade onde a economia, a riqueza esteja ao serviço da maioria do povo: os trabalhadores.

Para construir o socialismo e assim subtrair ao Rui Moreira e a todos os capitalistas o poder de viverem à conta do nosso trabalho teremos de nos unir, organizar e armar para derrubar o exército mercenário, a GNR e a PSP que o estado da burguesia tem para esmagar toda a tentativa que ponha em causa a exploração do trabalho e conduza à libertação dos trabalhadores.

Só uma sociedade socialista gerida a partir das Assembleias de Trabalhadores e demais órgãos de Poder Popular nós seremos verdadeiramente livres.»

Exijamos o cumprimento imediato do contrato colectivo de trabalho Unidos e organizados lutaremos contra a repressão

Fora com a canalha que explora quem trabalha

Unidos, organizados e armados, a revolução triunfará.

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, POVOS E NAÇÕES OPRIMIDAS DO MUNDO, UNI-VOS!

Revolução

Composição e impressão: Renascença Gráfica. Distribuição: DIG — Rua das Chagas, 2 — Lisboa

AVENÇA

EDITORIAL

Há discursos que traduzem um homem — é o caso do discurso de Ramalho Eanes na cerimónia de Juramento de Bandeira dos Comandos. É um dos poucos militares que emprega a palavra «dialéctica» na sua verdadeira opção, ou seja no sentido marxista. É portanto um homem cultivado... Mas é também dos poucos militares que conseguem traduzir melhor o espírito capitalista autoritário e sobretudo o espírito colonialista. Nostálgico do passado colonial e das vitórias das tropas portuguesas em África, evocando glórias e feitos militares, lembra-nos os discursos militares mais característicos de Spínola, como o do Alfeite em Julho de 1974. Essa imagem militarista, as paradas e o passo de ganho dos comandos avançando sobre a objectiva da televisão, são bem o símbolo dumas Forças Armadas fascistas que se tentam reorganizar. E são também o símbolo do engano, da mistificação em que se podem envolver soldados como os dos Comandos, a maior parte deles filhos de famílias pobres, a maior parte deles tendo sofrido as consequências da exploração capitalista. Para centenas e centenas de enganados que podem constituir um exército fascista ou simplesmente de suporte do capitalismo, a natureza desse exército não se torna evidente. Falam-lhes em feitos militares, falam-lhes de Pátria, falam-lhes de obediência e de deveres. Mas não explicam de que Pátria se trata: se é a do J. Pimenta que quer voltar para a empresa, se é a do irmão de Galvão de Melo que se dispunha a assassinar os trabalhadores, armado de Beretta, com silenciador, ou se é a Pátria daqueles que são explorados, — os camponeses, os operários, os desempregados. E com o espectáculo das grandes paradas escondem o principal: as Forças Armadas que estão a querer organizar destinam-se a defender os interesses capitalistas. Destinam-se a permitir que as terras e as casas voltem para os seus antigos senhores: Destinam-se a reprimir os trabalhadores. São as Forças Armadas ao serviço de uma classe — a burguesa.

Por estarem ao serviço de uma classe — a burguesa — é que forças militares e para-militares não conseguem localizar os bombistas que por esse país fora destroem carros, casas e ameaçam pessoas. É que esses bombistas também estão ao serviço da mesma classe — a burguesa.

E quando os noticiários da TV falam em «extremistas» para se referirem aos autores das bombas, estão também a fazer um serviço à mesma classe. Porque dizendo «extremistas» e não explicando de que extremo se trata (o da direita), pretendem lançar a confusão e criar no público a ideia de que são de esquerda. Ficam portanto a ganhar duas vezes: com a bomba que põem e com a notícia que dão. Ambas trazem um carimbo a dizer «burguesia», mas muita gente ignorante politicamente, que ve a televisão por esse país fora, não o consegue discernir.

Perante estas várias armas usadas pela direita, umas mais evidentes, outras mais subtis, os trabalhadores e os revolucionários tem de encontrar outras tantas armas, que ou serão mais eficazes, ou teremos o fascismo em casa dentro de pouco tempo.

Continua na pág. 13



NOTÍCIAS

Revolução

A COMISSÃO DE INQUÉRITO QUER LIQUIDAR CAMPOS DE ANDRADE E TOMÉ

Já saíram alguns dos presos do 25 de Novembro, sem que se saiba que histórias é que a Comissão de Inquérito consegue inventar para os culpar. No fundo sofreram uma prisão-castigo por serem revolucionários.

Mas a Comissão de Inquérito tem que escolher vítimas. Entre elas parecem estar os majores Campos de Andrade e Tomé. Como é difícil de inventar culpas relacionadas com o 25 para uma unidade que nada atacou, mas a quem aconteceu ser atacada, são pretextos extra-25 de Novembro os que aparecem. Com mais relevo surge uma invenção de gastos de gasolina não justificados. Depreende-se facilmente qual a ideia — deixar que se insinue que esses gastos eram pessoais. Não conhecemos as contas de gasolina do Regimento da PM. Mas há uma coisa que conhecemos — a grande mobilização das viaturas da PM dentro e fora da cidade, em serviço de ordem e na prestação de auxílio a moradores e camponeses.

O PRÉ DA EPI (MAFRA) FOI PARA AS COOPERATIVAS

No final do mês de Janeiro uma boa parte do pré dos militares de Mafra foi oferecido às Cooperativas. Este é um aspecto entre muitos do renascimento do espírito SUV nas unidades militares. Traduz a ligação de facto existente entre soldados e trabalhadores, a qual constitui a base dum sempre renovado movimento revolucionário que atravessa os quartéis, enquanto lá houver soldados. Isto é, enquanto não forem todos substituídos por mercenários.

PARA RELEMBRAR O AMI

O AMI foi extinto quando deixou de ser necessário. Uma vez extinto o COPCON e feita a vassourada geral nas unidades militares, o AMI deixou de ser necessário. O Estado-Maior passou a sonhar com a transformação das Forças Armadas num grande AMI... Entretanto sobrava um chefe — o comandante do AMI, Melo Egidio. Mas para esse chefe encontrou-se um bom lugar: é hoje adjunto do Presidente da República.

OS SUV REGRESSAM

Embora não tenha aparecido uma posição dos SUV a nível nacional no que respeita à actual situação político-militar, posição essa que se espera venha a aparecer rapidamente, vários núcleos SUV fizeram a sua aparição nos quartéis. É assim que aparecem comunicados dos núcleos SUV entre outros no Hospital Militar do Porto, no Quartel General do Porto, no RAC (Oeiras) e no RIS (Setúbal). Despertaram a reacção devida, de parte a parte...

CARTAZ DE OTELO DÁ CASTIGOS

No Regimento de Infantaria de Évora apareceram cartazes a pedir a libertação de Oteelo, como em muitos outros quartéis. Perante este «sacrilégio» o comando resolveu dar um castigo: ou arrancavam já os cartazes ou havia formatura extraordinária às 9 horas da manhã do dia seguinte. Nem arrancaram os cartazes, nem houve formatura extraordinária. Seguiu-se a ameaça de não haver saída ao fim-de-semana. Em compensação, noutros quartéis, cujo nome não é justo dizer, foram os próprios oficiais do Comando que protegeram os cartazes não os deixando ser arrancados pelos seus colegas reacçãoários.